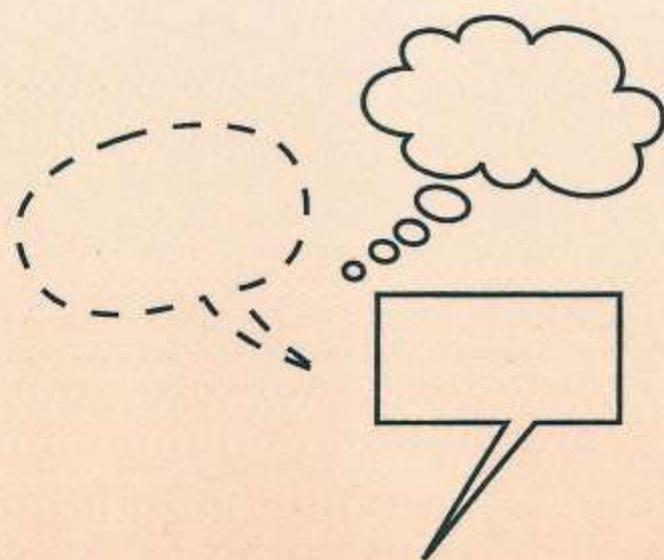


MÔNICA VALLE

A Voz da Fala



REVINTER

A Voz da Fala

Junto de algo essencial para o homem – a linguagem –, está a voz, dando forma aos discursos dos indivíduos. Presente desde o nascimento, é, com a aquisição da fala, que o uso da voz é desenvolvido nas relações verbais entre as pessoas.

Este livro trata desta relação fala-voz-comunicação, abordando aspectos básicos neuroanatômicos e lingüísticos e destacando a importância do psiquismo e da cognição na expressão vocal.

Baseia-se em estudos e idéias da Neuropsicologia, Filosofia da Linguagem e Psicanálise dentre outros.

Enfim, busca oferecer ao leitor uma visão ampla de onde se insere a voz de uma pessoa. Facilitando, assim, as direções a serem tomadas no desenvolvimento e adequação vocal.

A Voz da Fala

Para o amigo
Waldemar Ribeiro
Com muito carinho
da
Mônica Abraças

Janeiro / 2002

ps: Você pode começar pelo cap. 2

A Voz da Fala

MÔNICA GONÇALVES MOURA VALLE

REVINTER

A Voz da Fala

Copyright © 1996 by Livraria e Editora Revinter Ltda.

Todos os direitos reservados.

É expressamente proibida a reprodução
deste livro, no seu todo ou em parte
por quaisquer meios, sem o consentimento
por escrito da Editora.

ISBN 85-7309-097-9

Livraria e Editora REVINTER
Rua do Matoso, 170 — Tijuca
20270-130 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 273-5448
Fax: (021) 273-2730

Ao outro

“Para comunicar-se melhor com os outros, o indivíduo precisa comunicar-se melhor consigo mesmo.”

Rogéria Guida

AGRADECIMENTO

Agradeço profundamente a todos que contribuíram para a realização deste livro.

É mais uma obra que se soma às já existentes, enriquecendo a literatura fonoaudiológica no que respeita à voz falada.

De parabéns a autora.

Domingos Sávio Ferreira de Oliveira
Fonoaudiólogo, professor de Técnica e
Expressão Vocal na Escola de
Teatro da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 — A FONAÇÃO — A “AÇÃO DE FONAR”	3
Elementos do Sistema Digestivo	3
Elementos do Sistema Respiratório	7
Musculatura Respiratória	15
<i>O Diafragma</i>	15
<i>Músculos Inspiratórios Acessórios</i>	17
<i>Músculos Expiratórios Acessórios</i>	17
Sistema Nervoso — Considerações Gerais	21
<i>Sistema Nervoso Autônomo</i>	25
<i>Nervos Cranianos Participantes na Produção da Voz e da Fala no Momento de Comunicação</i>	33
Respiração	34
Capítulo 2 — A FALA	41
Fala e Pensamento	42
O Som da Fala	44
Articulação dos Sons da Fala	45
Fala e Audição	49
Fala e Movimento	51

Capítulo 3 – O INDIVÍDUO QUE FALA	55
Capítulo 4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
APÊNDICE	75
BIBLIOGRAFIA	77
ÍNDICE REMISSIVO	79

A Voz da Fala

INTRODUÇÃO

Há muito busca-se conhecer sobre a voz. Nas últimas décadas, a Laringologia tem contribuído imensamente para o diagnóstico, a terapêutica e as condutas preventivas de patologias laríngeas. O som laríngeo pode atualmente ser visualizado e esclarecido através de instrumentos tecnológicos. Entretanto, sabe-se que a voz não resulta unicamente deste momento de produção sonora, mas de um complexo de elementos que são parte de sistemas anatômicos diversos, através de mecanismos e movimentos comandados pelo sistema nervoso.

Resultando diretamente do biológico, a voz que habita as palavras é efeito de outros aspectos que dizem respeito ao indivíduo: o psíquico e o social.

Este estudo abordará a voz integrada ao contexto do qual faz parte – o da linguagem – que viabiliza o viver humano e se materializa principalmente através dela. Trata-se, portanto, da voz que acompanha a fala de um indivíduo que a utiliza para viver em seu mundo, para se constituir e atuar como um ser falante.

Serão utilizados conhecimentos de anatomia e fisiologia, da filosofia de linguagem, da lingüística e da reeducação postural global, dentre outros.

O tema proposto é apresentado em quatro capítulos.

O primeiro expõe elementos anátomo-fisiológicos que tornam possível a fonação de um indivíduo sob o comando do sistema nervoso, influenciado pelo seu universo psíquico.

No segundo capítulo serão enfocadas relações existentes entre a fala e o pensamento, o movimento e a audição. A articulação dos

sons falados também será focalizada, bem como a importância da “fala interior” para o comportamento do indivíduo.

O termo *fala* é aqui empregado no sentido da linguagem expressa em palavras (signos por excelência), seja em sua forma de expressão de sons lingüísticos articulados, seja em sua forma interna, presente mentalmente no indivíduo.

O terceiro capítulo visa destacar a importância da palavra para o ser humano – ser que fala para si mesmo e para o outro, utilizando a “voz da fala”.

Diante da extensão do tema, é fundamental dizer que esta obra não tem a pretensão de abrangê-lo em sua totalidade, oferecendo, no entanto, uma exposição conjunta de elementos e relações que o integram. Reforçando, assim, a complexidade do assunto, que traz consigo muitas questões.

Realçar questões talvez seja o principal valor deste estudo, que reconhecendo a importância do “interrogar-se”, diante do fenômeno vocal, assim o faz, estendendo-se até a clínica fonoaudiológica, que será considerada no quarto capítulo.

CAPÍTULO 1

A FONAÇÃO – A “AÇÃO DE FONAR”

A produção do som da fala é chamada de fonação. Participam diretamente desse processo elementos do Sistema Respiratório, do Sistema Digestivo e do Sistema Nervoso.

O objetivo deste capítulo é expor tais elementos participantes da fonação, dando uma idéia da estrutura e dos mecanismos (processos de funcionamento) nela envolvidos como também algumas relações entre os referidos elementos e mecanismos, ações e reações.

ELEMENTOS DO SISTEMA DIGESTIVO

Este sistema consiste de um longo tubo muscular. Os elementos participantes da fonação são constituídos, em sua maioria, essencialmente de músculos, que, por sua vez, são controlados pelo sistema nervoso. São os articuladores dos sons falados — órgãos fonarticulatórios (OFA), participando também da ressonância vocal. São eles: os lábios, as bochechas, arcadas dentárias, palato, língua e faringe.

Os *lábios* inferior e superior são compostos, além de músculos (com fibras estriadas), de pele, glândulas, mucosa, vasos sanguíneos e nervos. A camada muscular é formada pelos músculos orbicular, bucinador, elevador do lábio superior, zigomático maior e menor, e o mental, dentre outros. Estes músculos são inervados pelo nervo

facial (VII par craniano). Participam, assim como as bochechas e a língua da sucção, mastigação e deglutição — funções reflexo-vegetativas (pré-fônicas) — além da articulação dos fonemas.

As *bochechas*, situadas nas paredes laterais da cavidade oral, contêm músculos, mucosa, pele e corpo adiposo. O músculo bucinador, já mencionado, é o principal; além de outros músculos, como o masseter e os pterigóideos, inervados pelo nervo trigêmeo — V par craniano — (Fig. 1-1).

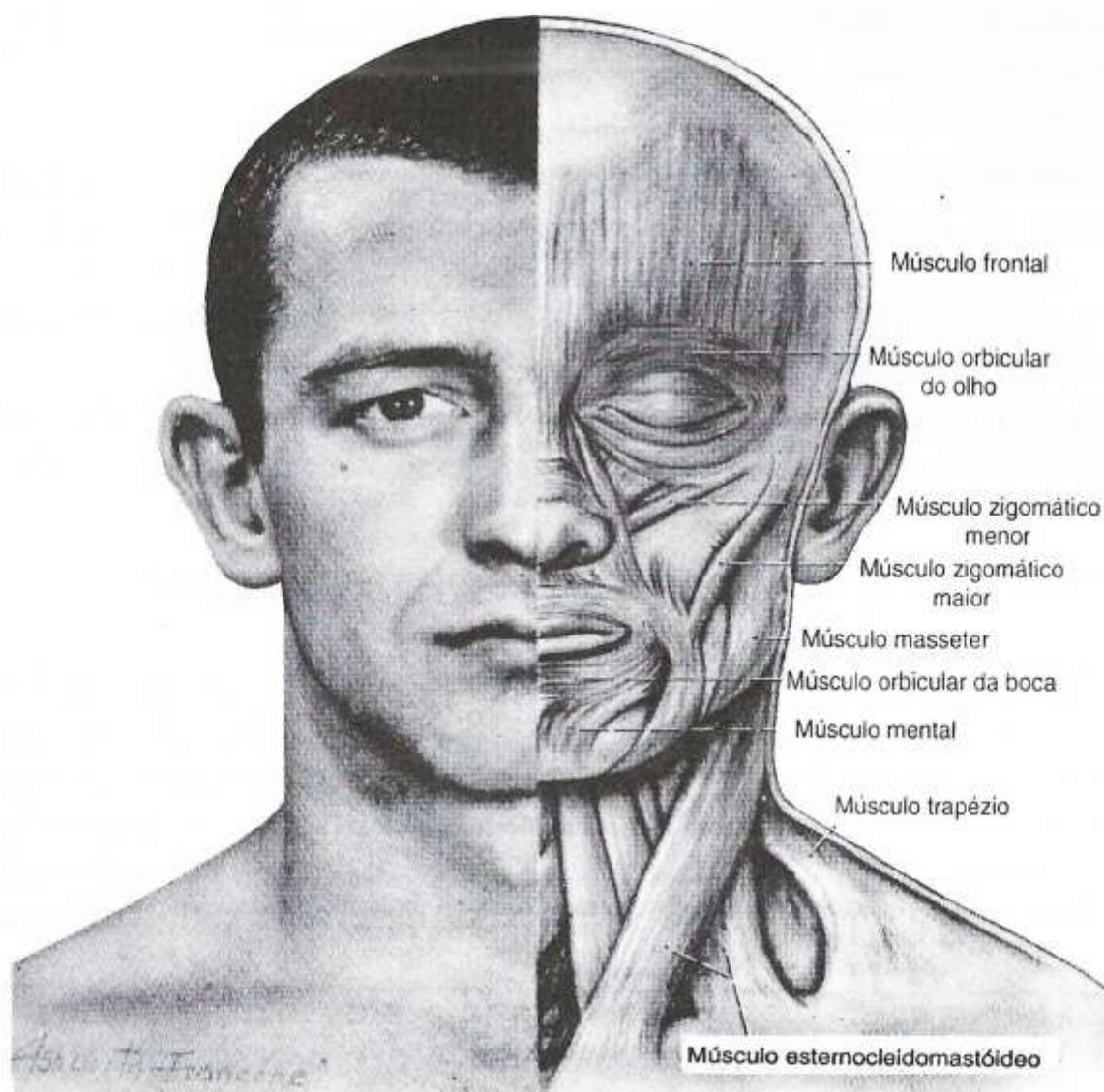


Fig. 1-1. Músculos da Face. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990. p.158.

A *língua* é composta por músculos extrínsecos (genioglosso, estiloglosso, hioglosso, condroglosso, palatoglosso) e intrínsecos (transverso, vertical, longitudinal superior e inferior), mucosa contendo as papilas gustativas e glândulas. Possui grande mobilidade, participando intensamente da sucção, mastigação, deglutição e da articulação dos sons da fala. Sua inervação é feita pelo nervo hioglosso (XII par craniano), nervo mandibular e nervo facial (VII par craniano).

As *arcadas dentárias*, superior e inferior, participam da estética e estrutura facial e oral, realizando e contribuindo para a mastigação, deglutição e articulação dos sons da fala. A dentição decídua é composta por vinte dentes – dez na maxila e dez na mandíbula. A dentição permanente é composta por 16 dentes na maxila e 16 na mandíbula.

Como já foi referido, as estruturas orais desenvolvem funções comuns – mastigação, sucção, deglutição e articulação dos sons falados e segundo vários autores, fazendo parte de um sistema. Todas estas funções são realizadas com a participação da mandíbula. Assim, tal sistema foi nomeado de “estomatognático” (*gnatos*, do grego, mandíbula).

A ação da respiração sobre o desenvolvimento dos maxilares e na postura da mandíbula, dos lábios e da língua vem sendo estudada. Abordam-se, por exemplo, os prejuízos que a respiração bucal pode ocasionar à oclusão dentária, como também à postura da língua em repouso e em atuação. A função respiratória mais adequada deve ocorrer por via nasal.

A articulação temporomandibular (mandíbula com o osso temporal localizado no crânio) permite que a mandíbula se movimente, sendo sua amplitude e domínio em sua movimentação importantes na qualidade da articulação da fala.

Os músculos supra-hióideos participam da deglutição, elevação da língua e da movimentação da mandíbula (além dos músculos mastigatórios – masseter, temporal, pterigóideo medial e lateral). Esses músculos são o estilo-hióideo, o milo-hióideo, o geni-hióideo

e o digástrico. O osso hióide situa-se no pescoço, entre a mandíbula e a laringe, funcionando como principal suporte para a língua.

Freqüentemente, alterações na posição dos dentes e das arcadas entre si se relacionam ao estado do eixo posterior — do corpo ou coluna vertebral. Poucos autores enfocam, entretando, o eixo anterior do corpo, que segundo Piret e Béziere (1992) une a cabeça à bacia por meio do maxilar inferior, do hióide e do osso esterno. A harmonia nesse eixo favorecerá a movimentação dos órgãos realizadores da fonação e articulação dos sons da fala. O osso hióide é de central importância nesta movimentação: “Por meio de seus músculos, a face se une ao osso hióide, onde forma o eixo anterior que desce até a bacia” (Piret e Béziere, 1992). Além disso, de acordo com estas autoras, os músculos da língua partem do hióide, possuindo este também estreita relação com a laringe. Sicher e Lloyd (1977): “O esqueleto da laringe está preso e suspenso ao osso hióide pela membrana tiro-hióideia.”

O *palato*, composto de ossos e músculos, separa a cavidade nasal da cavidade bucal. Os músculos que o compõem são: tensor do véu palatino, elevador do véu palatino, palatoglosso, palatofaríngeo, constritor superior da faringe e músculos da úvula. O véu palatino proporciona, com sua movimentação, a diferença entre os sons orais e nasais. O palato é essencial na sucção, deglutição, mastigação, na articulação de fonemas e na ressonância da voz (Fig. 1-2).

A *faringe* é um conduto musculomembranoso, situado atrás das fossas nasais, da boca e da laringe. Possui músculos intrínsecos (cefalofaríngeo superior, médio e inferior, hiofaríngeo e laringofaríngeo), responsáveis pela sua constrição, pela elevação da laringe e do osso hióide. Possui, também, músculos extrínsecos que a elevam para receber o bolo alimentar (estilofaríngeo, palatofaríngeo). A inervação da faringe é feita pelos nervos glossofaríngeo (IX par craniano), acessório (XI par craniano) e vago (X par craniano), que fazem a inervação motora. Está entre os principais ressoadores da voz. Além de variar no tamanho e na forma, o conduto faríngeo

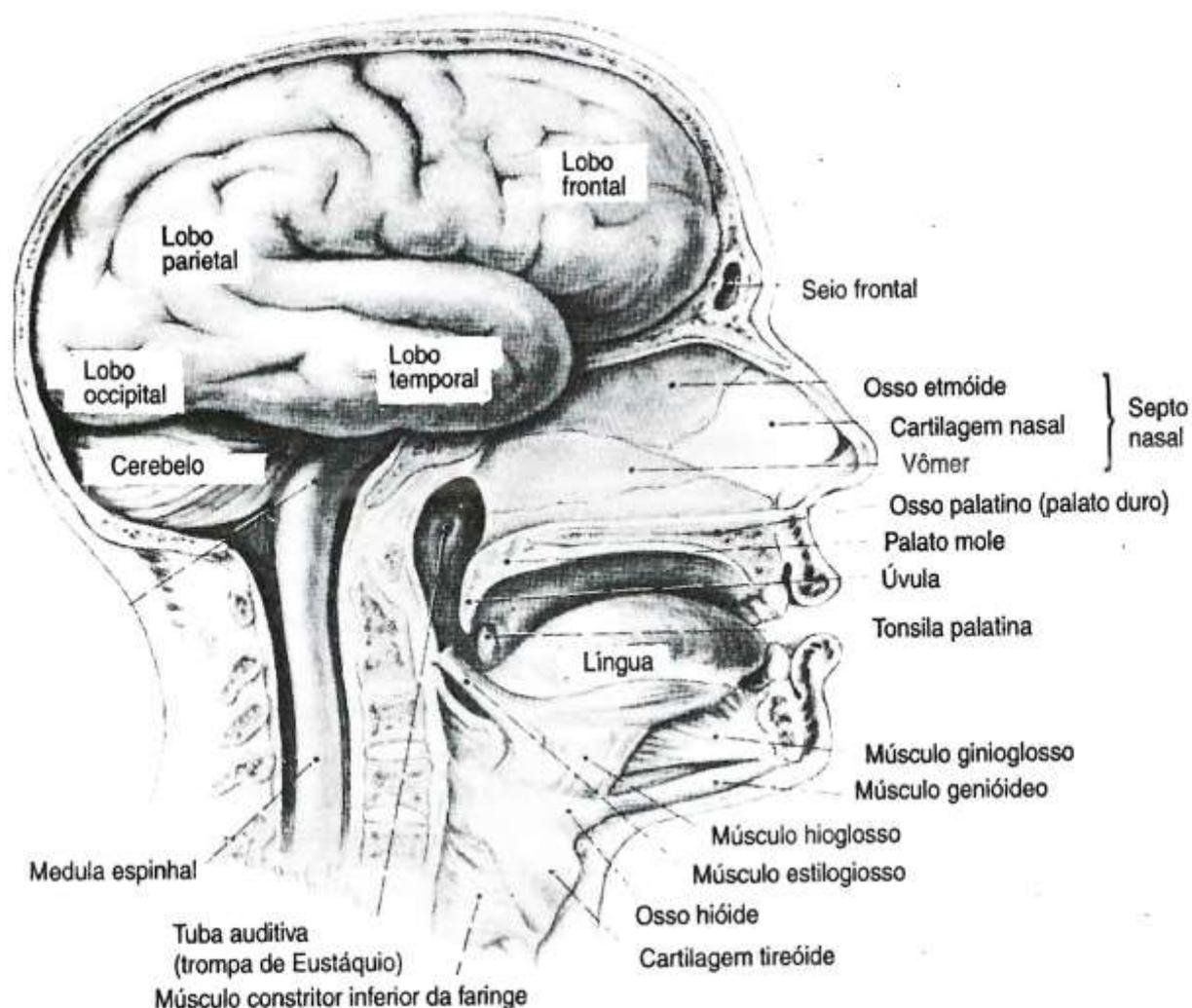


Fig. 1-2. Estruturas da cabeça. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990. p.221.

pode elevar-se e deprimir-se, dilatar e constriar, participando da produção dos tons grave e agudo da voz.

Sicher e Lloyd (1977) dizem ser difícil separar os músculos da faringe e do palato mole, anatômica e funcionalmente.

ELEMENTOS DO SISTEMA RESPIRATÓRIO

Este sistema é fundamental na produção do som que será articulado em fala, desde o fornecimento do ar para a realização do som laríngeo até a ressonância deste. Dentre os seus elementos estão a cavidade nasal, os seios paranasais, a faringe (abordada no Sistema Digestivo), a laringe e os pulmões. A musculatura responsável pela

respiração e o “mecanismo” respiratório serão expostos separadamente.

A *cavidade nasal* é separada por um septo e funciona no aquecimento e no umedecimento do ar inspirado. O nariz também filtra o ar inalado, protegendo as vias aéreas inferiores. Inalar ar pelo nariz (inspirar) é o mais adequado para o funcionamento do sistema respiratório, mas durante a fala inspira-se também utilizando a cavidade oral.

O crânio é constituído pelos seguintes ossos: frontal, occipital, esfenóide, etmóide, além dos parietais e temporais. A face é formada pelos ossos vômer, mandíbula, maxila, zigomático, nasal, palatino, lacrimal e concha nasal inferior. Esses ossos do crânio e da face participam da ressonância da voz, Fig. 1-3. Os *seios paranasais* maxilar, frontal, etmoidal e esfenoidal são espaços dentro desses ossos — que contêm ar — e se comunicam com a cavidade nasal. A sua principal função é manter mais leves os ossos dos quais fazem parte, sendo também importantes ressoadores vocais.

A *laringe* situa-se ao nível das 3^a e 6^a vértebras da coluna vertebral, abaixo do osso hióide e acima da traquéia. É composta por cartilagens — epiglote, tireóide, aritenóides, corniculadas e cuneiformes, musculatura intrínseca e extrínseca (composta por músculos de fibras estriadas) e ligamentos, sendo revestida por mucosa. A musculatura extrínseca (“liga a cartilagem tireóide ao osso hióide”, Sicher e Lloyd — 1977) — inclui os seguintes músculos: digástrico, estiloídeo, miloióide, genióide, esternoídeo, omoióide, tiroiídeo e esternotireóide. Esses músculos (que são os infra e supra-hióideos) elevam ou abaixam a laringe. Os músculos intrínsecos incluem o tireoaritenóide (indicam o volume da prega vocal), o cricoaritenóide posterior (abdutor da glote) e o cricoaritenóide lateral (adutor da glote), o ariaritenóide transverso e oblíquo (também adutores, aproximam as cordas vocais), o cricoti-reóide (“relaxador-tensor”, junto do tireoaritenóide — Mysak, 1988).

A inervação da musculatura extrínseca da laringe, motoramente, é feita pelo trigêmio, facial e hipoglosso (V, VII e XII pares cra-

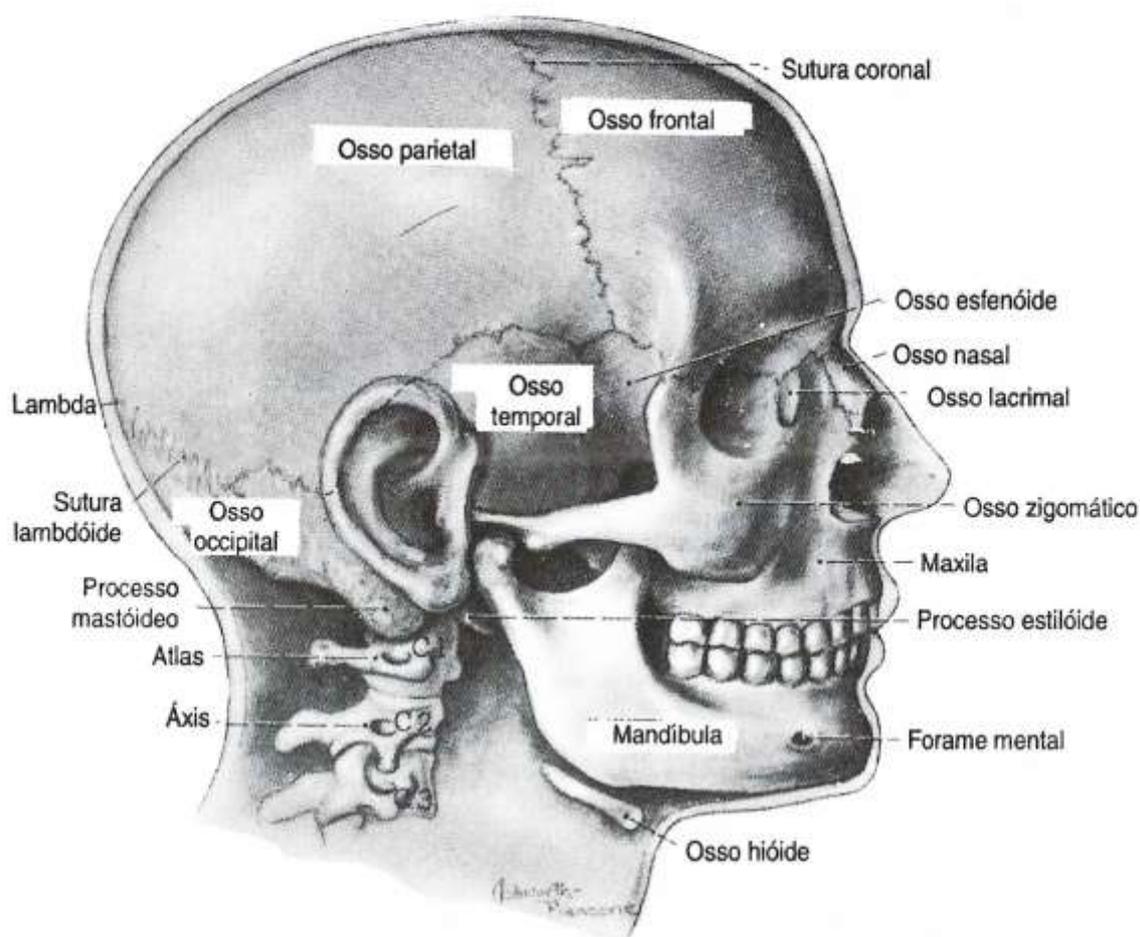


Fig. 1-3. Ossos do crânio/face. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990. p.102.

nianos). Já a inervação da musculatura intrínseca é realizada por dois ramos do nervo vago (X par craniano) – o laríngeo inferior ou recorrente (que faz a inervação motora dos músculos, com exceção do cricotireóideo) e o laríngeo superior (nervo que faz a inervação sensitiva da mucosa e inervação motora do músculo cricotireóideo).

É o autor Mysak (1988) quem diz:

“Tanto os músculos extrínsecos como os intrínsecos podem influenciar a função da laringe; todavia, o controle da produção do som é principalmente uma função dos músculos intrínsecos.”

No entanto, sabe-se da importância da musculatura do palato mole, da faringe, da língua e dos músculos extrínsecos da laringe para a qualidade da voz (Figs. 1-4 e 1-5).

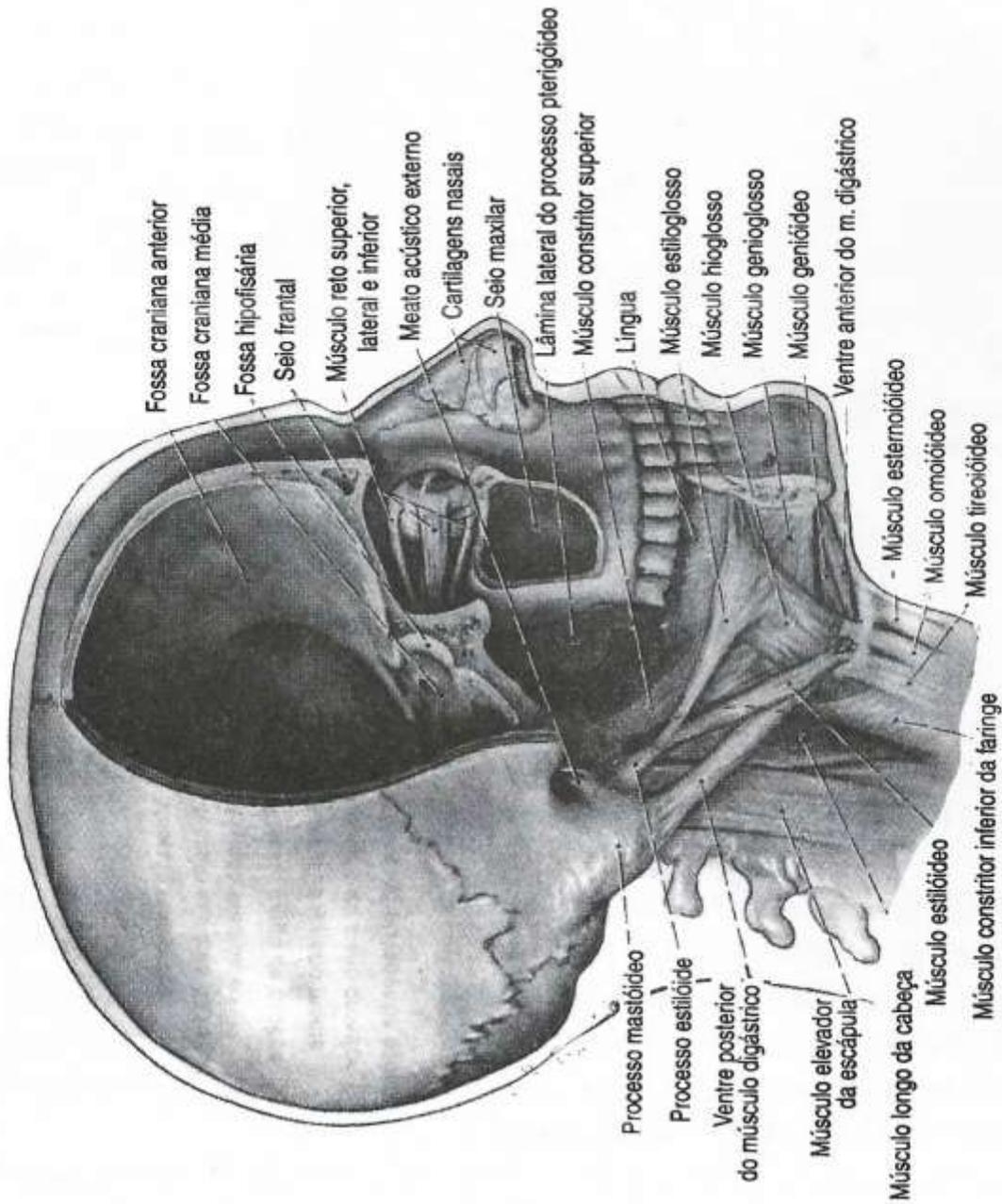


Fig. 1-4. Músculos da língua e da laringe. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990, p.161.

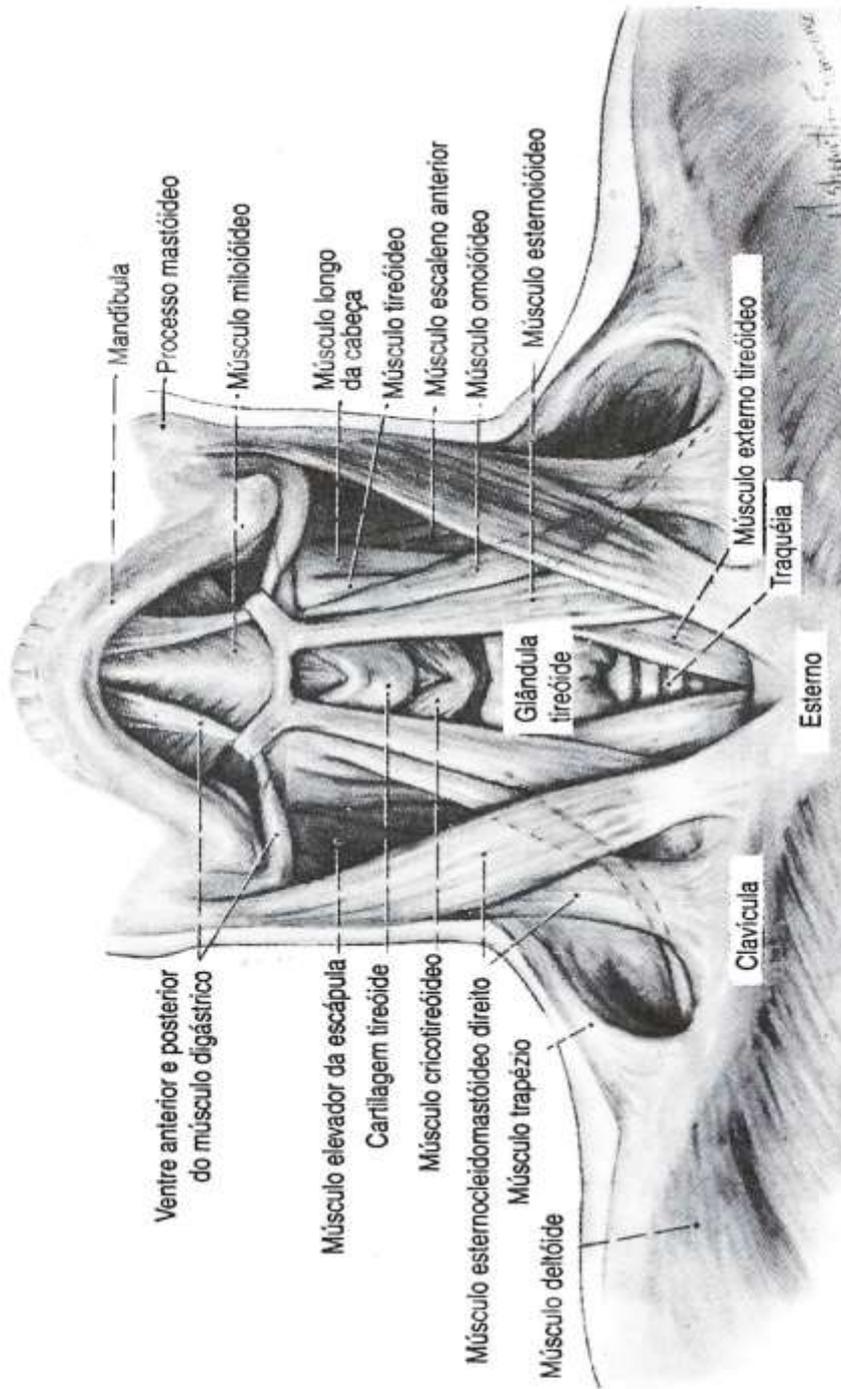


Fig. 1-5. Músculos do pescoço. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990. p.161.

A laringe protege as vias aéreas inferiores em sua função esfinteriana; serve de via de passagem para o ar inspirado e possibilita o nascimento da voz através das vibrações das cordas ou pregas vocais na passagem do ar expirado (Fig. 1-6).

Sobre o nascimento do som laríngeo existem algumas teorias. A teoria mioelástica diz que, a produção do som é um fenômeno elástico, determinado pelo ar expirado sobre as pregas que vibram. A neurocronaxica diz que como qualquer outro músculo, as cordas vocais, vibram sob a excitação nervosa vinda dos centros cerebrais, através do nervo laríngeo inferior, embora a manutenção do som laríngeo dependa do ar expirado. A muco-ondulatória afirma que

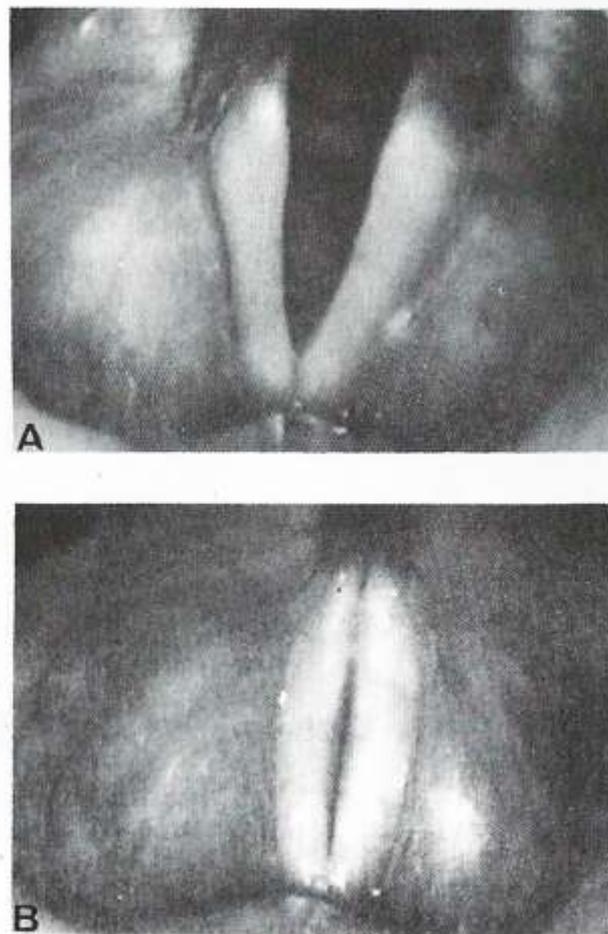


Fig. 1-6A. Pregas vocais abduzidas. **B.** Pregas vocais aduzidas. Extraído de Boone, D.R., McFarlane, S.C. *A Voz e a Terapia Vocal*. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.46.

ocorre uma ondulação da mucosa que recobre as pregas vocais gerada pelo ar expirado, produzindo o som. E há ainda a teoria mioelástica-aerodinâmica de Van den Berg (1958), que de acordo com Behlau e Russo (1993) parece mais adequada à descrição do som laríngeo, teoria esta que o apresenta como o resultado das forças elásticas dos tecidos musculares da laringe relacionadas às forças físicas aerodinâmicas da respiração. As autoras referidas afirmam: “A vibração das pregas vocais determina a frequência fundamental de uma voz, que é, portanto, a frequência glótica da emissão e, por definição, a frequência da onda complexa e a frequência do primeiro harmônico.” (Behlau e Russo, 1993).

Em todas as teorias citadas o movimento que gera o som laríngeo foi descrito como sendo produzido na passagem do ar pelas pregas vocais. As diferenças teóricas são sobre o comando do sistema nervoso diante da vibração glótica, se realizado diretamente sobre a musculatura glótica, ou indiretamente, através da musculatura respiratória (forças físicas aerodinâmicas).

Diante das teorias mais aceitas recentemente (mioelástica-aerodinâmica e a muco-ondulatória), pelo menos indiretamente, tal comando nervoso existe. Seja pelo estado tônico e de flexibilidade das fibras dos músculos laríngeos (incluindo a prega vocal), seja pelos músculos respiratórios que participam da fonação. Logo, as vibrações das pregas (de suas mucosas), o movimento de alargamento e estreitamento da faringe e de abaixamento e elevação da laringe, como também, o do véu do paladar e a conseqüente produção e qualidade sonora dependem desse comando.

O conhecimento sobre a fisiologia do som laríngeo interessa ao homem desde há muitos séculos, provavelmente, devido à utilização da voz no teatro e no canto. Recentemente, nas décadas de 60 e 70, com o surgimento dos tubos flexíveis de fibras óticas, o homem pôde observar (utilizando ou não a luz estroboscópica) os movimentos que tornam possível o nascimento de sua voz. Essa tecnologia, acoplada a um vídeo, permite observar o estado orgânico e funcional em que se encontra sua laringe e, mais especificamente,

sua glote (região laríngea onde se encontram as pregas ou cordas vocais).

A realização de exames como a videolaringoestroboscopia permite que sejam observadas características fundamentais de uma movimentação normal das pregas, que, por sua vez, proporcionarão um som laríngeo também normal, ou seja, harmonioso, sem esforço. Essas características são, dentre outras: a simetria da vibração, a ondulação livre da mucosa das pregas, o adequado fechamento da glote e a flexibilidade e tensão do músculo vocal. Alterações nestas (e outras) características trazem esclarecimentos quanto às dificuldades na fonação, a presença (ou não) de patologias laríngeas, implicando em uma voz disfônica, em muitos casos.

O termo *disfonia* diz respeito a uma fonação alterada, produzida devido à atuação sem harmonia das pregas vocais, e/ou dos demais elementos participantes do processo fonatório. O estudo das alterações vocais é realizado por muitos profissionais. Uma das classificações das disfonias foi apresentada por Behlau e Pontes (1990), que classificam as alterações no processo de emissão vocal decorrentes do próprio uso da voz (da "função fonação", segundo os autores) como disfonias funcionais, em oposição às disfonias orgânicas, que ocorrem tanto no processo de emissão da voz como nos órgãos da fonação, em consequência de enfermidades com causas independentes do uso da voz (devido a distúrbios endócrinos ou doença de Parkinson, por exemplo). Pontes e Behlau seguem classificando ainda outro grupo, as disfonias orgânico-funcionais, decorrentes das disfonias funcionais, ou seja, das alterações no processo de emissão devido ao uso da voz, causando alterações secundárias nos órgãos envolvidos (na laringe essencialmente, como nos casos de nódulos e úlceras de contato, por exemplo).

Disfonias psicogênicas é a denominação recebida pelas disfonias ocasionadas por alterações psicoemocionais (Behlau e Pontes, 1992). São classificadas pelos autores citados em quatro tipos: afonia de conversão; fala articulada e fonação sussurrada; uso diferente de registros; falsete de conversão e sonoridade intermitente. Os

autores abordam separadamente as disfonias psicogênicas da muda vocal.

Disfonia espástica é outro termo presente na literatura a respeito dos distúrbios vocais, sobre o qual há divergências quanto à fidedignidade de sua nomeação. Espasticidade diz respeito a um estado de tensão muscular (hipertonia). A etiologia desta disfonia tem provocado bastante controvérsia. Manifesta-se de duas formas: em adução e em abdução das pregas vocais (Aronson et al., 1968, Pinho et al., 1988).

Os *pulmões* são os órgãos que recebem o ar vindo do exterior e fornecem o ar para a fonação. Suas proporções variam com a respiração, de acordo com a movimentação da musculatura respiratória.

O ar chega aos pulmões passando pelo nariz ou pela boca, laringe, traquéia e brônquios. Destes últimos (através de divisões sucessivas), o ar chega aos bronquíolos e, por fim, aos alvéolos.

Os ossos que sustentam o mecanismo respiratório, ou seja, onde a musculatura responsável por esta função se insere, incluem a coluna vertebral, a caixa torácica com suas vinte e quatro costelas e osso esterno, a cintura escapular e a cintura pélvica, segundo Mysak (1988).

MUSCULATURA RESPIRATÓRIA

Embora o diafragma seja o “verdadeiro” músculo respiratório, a musculatura participante da respiração e, conseqüentemente, da fonação é numerosa. Diante da importância desses músculos, para a fonação e qualidade da voz, eles serão aqui destacados.

O *Diafragma*

Músculo ímpar que separa o tórax do abdômen, apresentando três orifícios (aórtico, esofágico e da veia cava inferior) e estreitas zonas

que permitem, inclusive, a passagem do tronco simpático (pertencente ao Sistema Nervoso Autônomo). Pela posição que ocupa, é rico em inter-relações com órgãos, estruturas e elementos. Formando uma abóbada de concavidade inferior, o diafragma se relaciona com o estômago e fígado, supra-renais, baço — órgãos que se posicionam abaixo dele — e ainda com o coração e os pulmões — órgãos superiores a ele. Sua inervação motora e sensitiva proprioceptiva, segundo Souchard (1989), é feita pelos nervos frênicos direito e esquerdo (Fig. 1-7).

Na maior parte do tempo, o diafragma é comandado involuntariamente, podendo também ser controlado voluntariamente durante a fonação, por exemplo, embora não por todo tempo, já que a fonação não é uma função indispensável à vida biológica. Esse

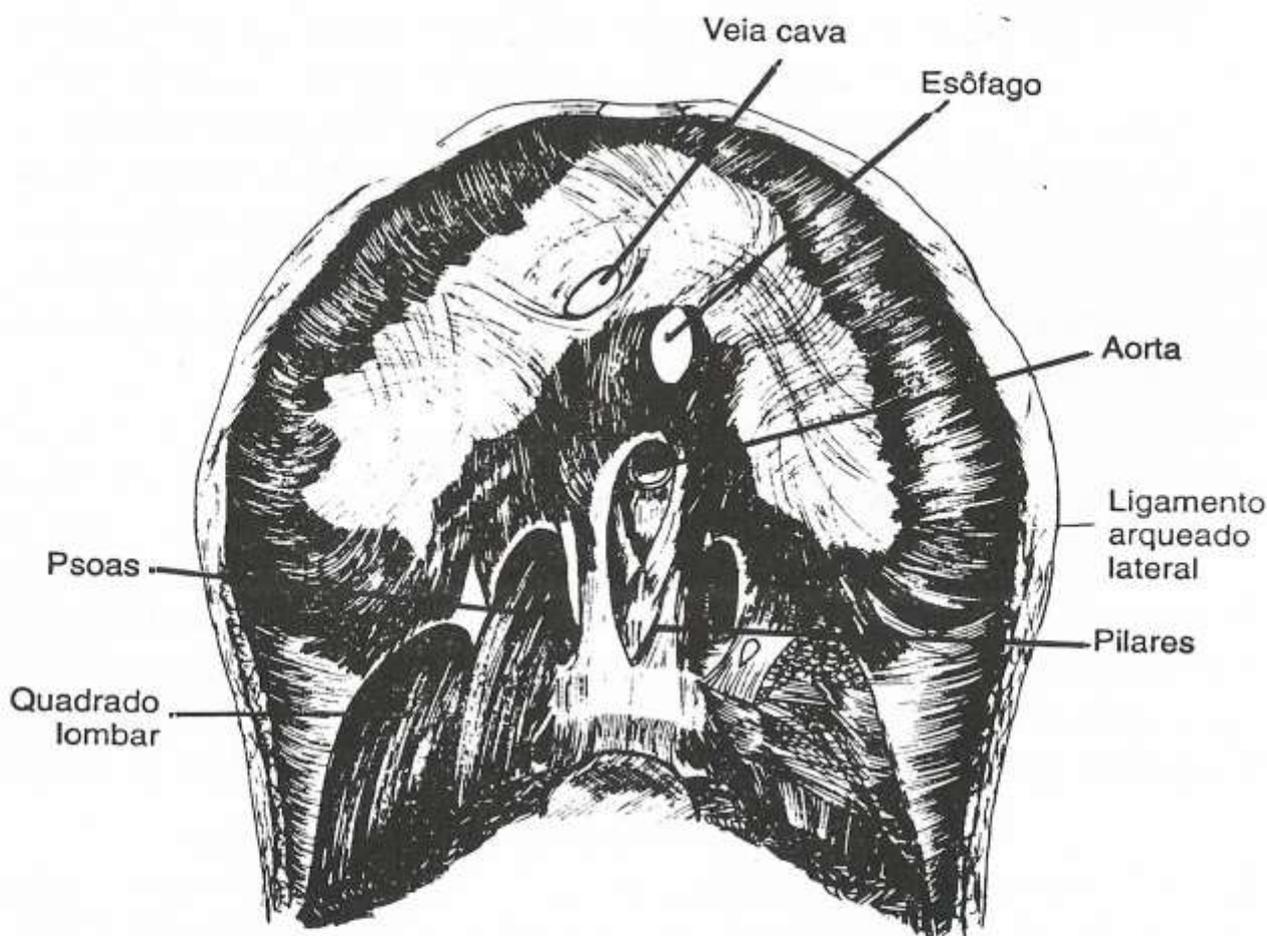


Fig. 1-7. Diafragma-face inferior. Extraído de Souchard, Ph.-E. O Diafragma. São Paulo: Summus Editorial, 1980. p.14.

controle voluntário pode ser desenvolvido e aprimorado. Para a qualidade da fonação é indispensável que assim seja, pois assim poder-se-á controlar o fluxo aéreo que chega à região glótica da laringe, produzindo o som vocal inicial e controlando-o de acordo com a mensagem falada. O controle da respiração durante a fala é chamado de controle fono-respiratório, coordenação pneumofonoarticulatória ou termos semelhantes.

Músculos Inspiratórios Acessórios

São classificados em quatro grupos por Souchard (1989): nucais, escapulares, espinhais e torácicos, atuando apenas em inspirações de maior amplitude, excetuando-se os intercostais e os escalenos, que atuam mais freqüentemente. Os inspiratórios acessórios são solicitados de acordo com a ação que está sendo realizada pelo indivíduo, garantindo esta função fundamental — a entrada de ar (inspiração) necessária à vida do organismo.

A utilização freqüente dos músculos inspiratórios acessórios, mesmo na ausência de grandes atividades físicas, é conhecida como respiração superior ou clavicular. Ocorre que nesses casos, sendo a atuação principalmente do diafragma, mais restrita, o corpo está lançando mão da musculatura acessória, para suprir a necessidade primária de entrada de ar no organismo. Essa é uma atuação natural “compensatória” visando à homeostase.

Os músculos inspiratórios *nucais* são: os esternocleidomastóideos, os escalenos, o trapézio superior e o subclávio. Os *escapulares* são: peitoral menor e maior, trapézio médio, elevador da escápula, rombóides, serrátil anterior e grande dorsal. Os *espinhais*: multífido, rotadores lombares, torácicos, cervicais, dorsal longo e iliocostal. Os *torácicos* são: intercostais externos, médios e internos, subcostais e serrátil posterior superior.

Músculos Expiratórios Acessórios

A expiração realiza-se essencialmente pelo relaxamento dos músculos inspiratórios. Os músculos expiratórios intervêm em caso de

esforços (ou quando solicitados). São eles os abdominais (oblíquo interno e externo; transverso, reto e piramidal do abdômen), o quadrado lombar, o serrátil posterior e o transverso do tórax (Fig. 1-8).

A utilização da musculatura expiratória acessória auxilia no fluxo expiratório (sopro) que produz a voz. Pode portanto ser útil na sustentação desse sopro, necessária quando o ato de utilização vocal exige.

A intenção, ao abordar tantos músculos, se deve principalmente ao fato de serem eles os principais realizadores da fala sonorizada. A fala e a voz devem a sua “existência biológica” à respiração, por conseguinte, à movimentação da musculatura respiratória e dos demais músculos mencionados, comandados pelo sistema nervoso.

Logo, como a voz é dependente essencialmente do sistema nervoso, o mesmo será abordado logo a seguir.

Antes, porém, algumas relações devem ser recordadas. A primeira: o osso hióide, a língua, a faringe e a laringe estão anatômicamente relacionados, além de também o serem funcionalmente. Em pessoas com dificuldades na fonação, é comum encontrar-se a posição exageradamente elevada da parte posterior da língua dentro da cavidade bucal, associada a uma dificuldade em realizar alguns movimentos voluntários, com a musculatura laríngea extrínseca. Outra relação importante, e aqui ainda não-explicitada, seria a da respiração superior e dos três diafragmas apontados por Souchard (1989), a saber: a laringe, o músculo diafragma e a região perineal. A respiração superior se dá com a utilização dos inspiratórios acessórios devido à pouca movimentação do músculo diafragma (mesmo em situações fora de esforço físico). Tal respiração, sendo utilizada freqüentemente para falar, pode ocasionar pressão sobre o diafragma superior (laringe), contribuindo para a tensão nessa região, o que por sua vez será revelado no produto vocal. Vê-se, então, a importância postural e suas relações (estruturais e funcionais) dinâmicas. Considerá-las é fundamental para a saúde e o aperfeiçoamento da voz (Figs. 1-9 e 1-10).

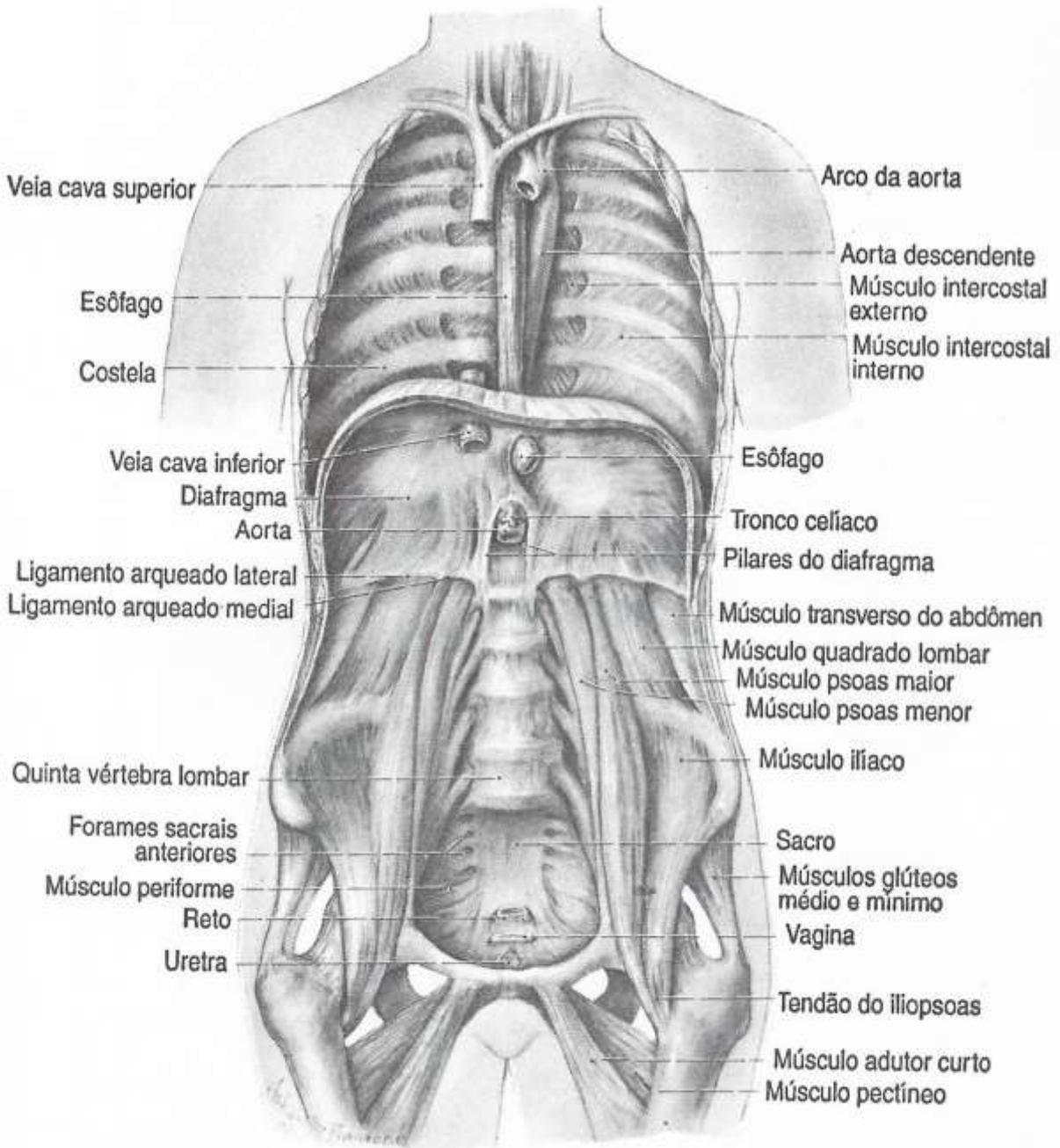


Fig. 1-8. Músculos do tórax, pélvis e abdômen. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990. p.16.

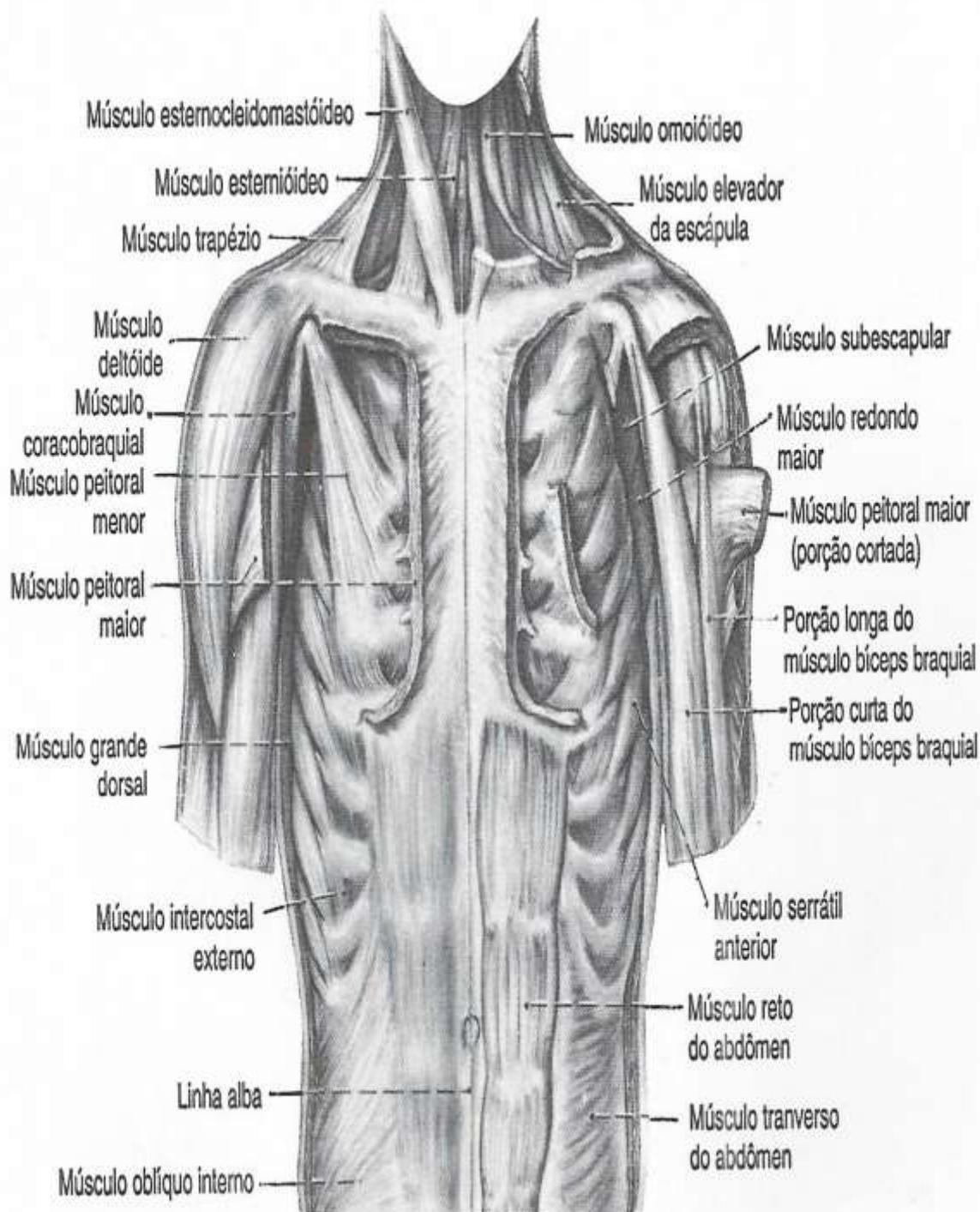


Fig. 1-9. Músculos do pescoço, tórax e abdômen. Extraído de Jacob, S.W. et al. Anatomia e Fisiologia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1990. p.11.

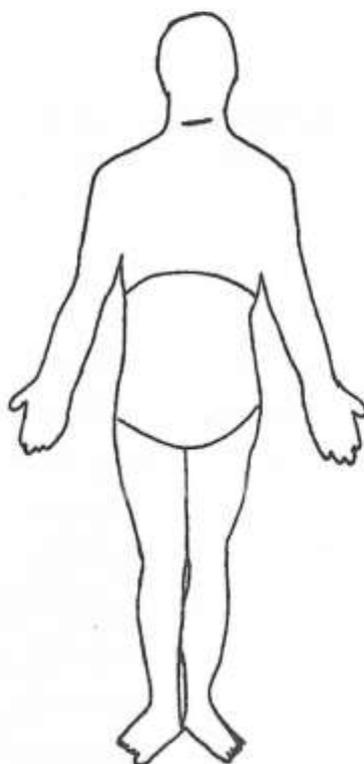


Fig. 1-10. Os “três diafragmas”.

SISTEMA NERVOSO – CONSIDERAÇÕES GERAIS

Nas palavras de Guyton (1988):

“O sistema nervoso é formado por três subsistemas principais: um eixo *sensorial* que transmite sinais das terminações nervosas sensoriais periféricas para quase todas as partes da medula espinhal, do tronco cerebral, do cerebelo e do córtex cerebral; um eixo *motor* que conduz sinais neurais, com origem em todas as áreas centrais do sistema nervoso, para os músculos e glândulas de todo o corpo; e um sistema — *integrador* que analisa a informação sensorial, armazena — na memória, para um futuro, e que utiliza tanto a informação sensorial quanto a armazenada na determinação das respostas apropriadas [...]. O sistema nervoso é o sistema que sente,

que pensa e que controla o nosso organismo” e o nosso comportamento conseqüentemente.

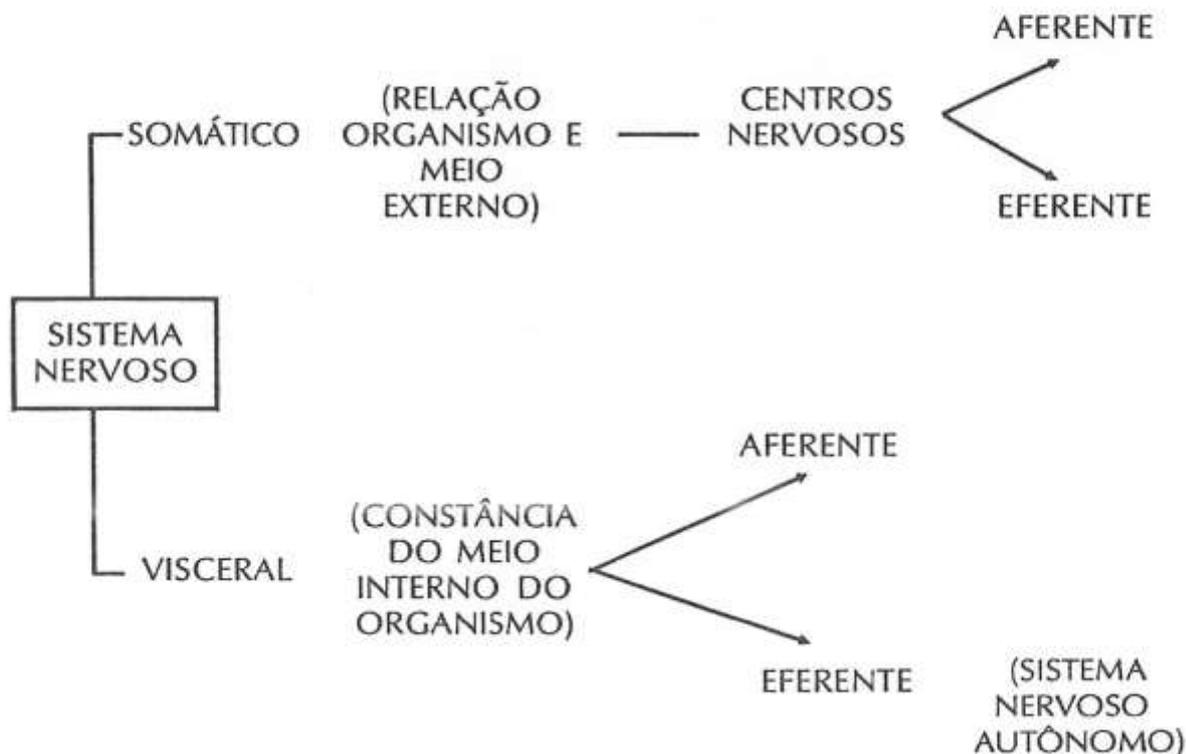
Anatomicamente, o sistema nervoso divide-se em Sistema Nervoso Central (encéfalo e medula espinhal) e Sistema Nervoso Periférico (nervos espinhais e cranianos, gânglios e terminações nervosas – sensitivas aferentes e motoras, eferentes). Por suas funções (ações próprias), é dividido em *Sistema Nervoso Somático*, ou da vida de relações – relaciona o organismo com o meio externo – e o *Sistema Nervoso Visceral*, ou da vida vegetativa – assegura a renovação do meio interior, sendo assim chamado porque as funções que realiza são comuns aos animais e aos vegetais.

O *Sistema Nervoso Somático* possui um componente que conduz impulsos originados em receptores periféricos aos centros nervosos (aferentes) e um componente que leva aos músculos estriados esqueléticos o comando dos centros nervosos, resultando nos movimentos voluntários (eferentes). Praticamente todos os movimentos corpóreos ocorrem a partir de comandos motores enviados pelo Sistema Nervoso Central. Os movimentos dos músculos esqueléticos necessários à fonação aí se incluem.

O *Sistema Nervoso Visceral*, ou da vida vegetativa, é aquele que se relaciona com a inervação e o controle das estruturas viscerais, mantendo a constância do meio interno – homeostase. É responsável por funções que asseguram a vida do indivíduo, como a digestão, a respiração, a circulação, e que asseguram a vida da espécie – a reprodução. Possui um componente aferente (dos viscerosceptores a áreas específicas do sistema nervoso) e um componente eferente (dos centros nervosos até as vísceras), denominado Sistema Nervoso Autônomo (ou Autonômico, segundo Guyton, 1988) – dividido em Sistema Nervoso Autônomo Simpático e Sistema Nervoso Autônomo Parassimpático (**Resumo Esquemático 1-1**).

A fonação sofrerá influência direta desse sistema (Autônomo), por meio das modificações respiratórias, principalmente, e indiretamente através das relações do mesmo com o sistema somático.

O tecido nervoso contém dois tipos básicos de células, de acordo com Guyton (1988): a neurógliã e os neurônios. A transmissão de



Resumo Esquemático 1-1.

um impulso nervoso de um neurônio para outro ocorre nas sinapses — junções especializadas entre neurônios. A sinapse é formada por um botão sináptico (que secreta uma substância transmissora excitatória ou inibitória) e pela membrana superficial do neurônio seguinte.

Os nervos (feixes de fibras nervosas) são cordões esbranquiçados que unem o Sistema Nervoso Central aos órgãos periféricos. Os doze pares de nervos que fazem conexão com o encéfalo são os chamados cranianos, e os trinta e um pares que se originam da medula espinhal são os chamados nervos espinhais. Os nervos cranianos, que inervam a musculatura participante da fonação, serão apresentados posteriormente (embora já venham sendo citados).

Músculos são tecidos fibrosos irritáveis. No nosso corpo, os tipos de tecidos musculares encontrados são três: o Estriado Esquelético, que é um tipo de músculo voluntário, “embora sujeito a contrações espontâneas de origem inconsciente” (Jacob, Francone,

Lossow, 1980); o músculo liso (encontrado principalmente nos tratos digestivo e respiratório) e que não está sujeito ao controle voluntário; e o Estriado Cardíaco — de controle involuntário, possui fibras interconectadas, permitindo a propagação e distribuição dos impulsos nervosos recebidos. Os músculos esqueléticos constituem a grande massa da musculatura somática, segundo Ganong (1977).

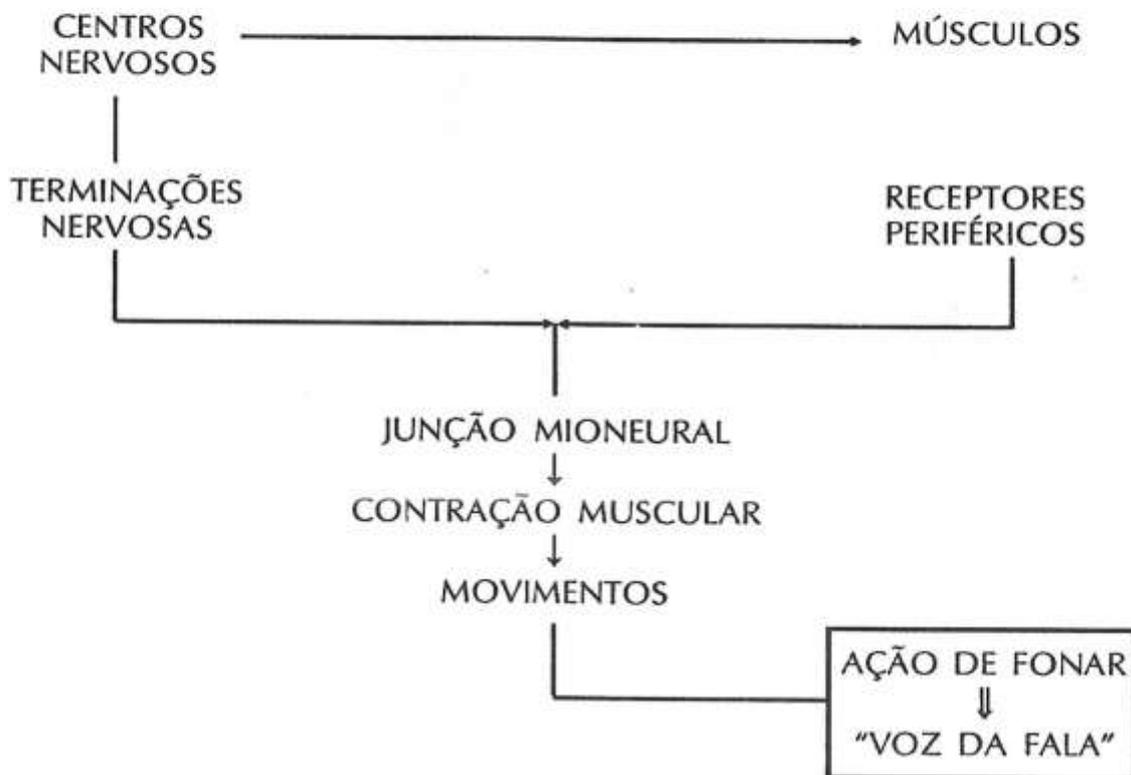
O coração recebe nervos tanto do Sistema Nervoso Autônomo Simpático como do Parassimpático. A regulação do ritmo cardíaco é realizada pela ação deste sistema. O ritmo respiratório é inter-relacionado ao ritmo cardíaco, relação que interferirá na quantidade e qualidade do fluxo aéreo utilizado na fonação.

A transmissão dos estímulos nervosos para o músculo se dá numa área especializada, onde o nervo termina na fibra muscular esquelética. Entre os neurônios do Sistema Nervoso Autônomo e os músculos liso e cardíaco, os contatos são menos especializados.

As transmissões dos impulsos nervosos são, na sua maioria, químicas, mediadas por substâncias — neurotransmissores químicos — que se encontram em botões ou vesículas sinápticas, nas terminações nervosas. Esses neurotransmissores podem ser excitatórios, como a adrenalina e norepinefrina (nome britânico da noradrenalina), e outros inibitórios, como o ácido gama-aminobutílico (GABA) e a dopamina.

A chegada de um impulso nervoso ao botão sináptico provoca a liberação dos neurotransmissores das vesículas sinápticas, desencadenando uma despolarização da membrana, resultando numa resposta. Se for a junção mioneural, esta resposta será a contração do músculo (**Resumo Esquemático 1-2**).

Os neurônios colinérgicos são os que liberam acetilcolina, que é o neurotransmissor excitatório do Sistema Nervoso Central e dos nervos motores para fibras musculares, ou seja, nas sinapses entre fibras nervosas e fibras musculares esqueléticas (junções mioneurais) e algumas sinapses de Sistema Nervoso Autônomo (do sistema parassimpático).



Resumo Esquemático 1-2.

Os neurônios adrenérgicos são os que liberam noradrenalina (pensava-se que o principal mediador dos mamíferos era a adrenalina, daí a nomeação recebida).

Os neurônios do sistema autônomo simpático secretam, em sua maioria, a norepinefrina (noradrenalina). São então adrenérgicos, embora alguns neurônios sejam colinérgicos.

Guyton (1988) afirma que tanto a acetilcolina quanto a norepinefrina possuem a capacidade de excitar alguns órgãos internos ao mesmo tempo que inibem outros.

Sistema Nervoso Autônomo

Junqueira e Carneiro (1974) lembram que o termo autônomo pode dar a impressão de que este sistema funciona completamente independente, o que afirmam, não é verdade.

Anatomicamente, apresenta o tronco simpático, formado por uma cadeia de gânglios dispostos de cada lado da coluna vertebral, como a principal formação do Sistema Nervoso Autônomo Simpático. Já o Parassimpático constitui-se de alguns núcleos do tronco encefálico, gânglios e fibras nervosas que fazem parte de alguns pares de nervos cranianos (III oculomotor, VII facial, IX glossofaríngeo e X vago), possuindo também, além de fibras, uma parte sacral composta por segmentos da medula espinhal.

As fibras do Sistema Nervoso Autônomo Simpático e Parassimpático quanto mais próximas das vísceras mais unidas ficam, constituindo os chamados plexos viscerais: o cardíaco, o pulmonar e o esofágico, na cavidade torácica, e o celíaco (ou solar) na cavidade abdominal, próximo ao diafragma. Dos nervos que contribuem com suas fibras para este plexo (o celíaco), os mais importantes são os troncos vagais anterior e posterior. Interessante recordar que a laringe é inervada por dois ramos do nervo vago (X par craniano), como já foi mencionado. Haveria implicações diretas devido a esta participação, entre o referido sistema e a fonação?

Sobre as ações, o simpático, em geral, tem ação antagônica ao parassimpático, sendo que este último tem sempre ações localizadas a um órgão ou setor, enquanto o simpático tende a agir difusamente. Quando uma pessoa vivencia circunstâncias ameaçadoras (situações de estresse), todo o simpático é ativado, produzindo uma “descarga em massa” (adrenérgica).

Em palavras mais esclarecedoras, Machado (1981) fala sobre a “descarga adrenérgica”: “Temos assim uma relação de alarme que ocorre em certas manifestações emocionais e situações de emergência em que o indivíduo deve estar preparado para ‘lutar ou fugir’.”

Tal estado denominado descarga adrenérgica produz alterações reativas e modificações em muitos órgãos, dentre eles no olho, coração (taquicardia), nos vasos sanguíneos (nos pulmonares, por exemplo, ocorre a constrição), na pele (sudação localizada, como nas palmas das mãos) e na glândula supra-renal (secreção de adrenalina).

Estas reações mencionadas anteriormente surgem inclusive, em situações em que o indivíduo sente medo, surgindo comumente nos momentos em que se apresentam em público discursando, e em determinados momentos de comunicação. São em si mesmas, reações biológicas presentes em qualquer indivíduo quando se sente ameaçado. Visam deixá-lo em estado de alerta, para que o mesmo possa defender-se do perigo que o ameaça, tornando-o biologicamente mais apto para determinados comportamentos de defesa de sua vida, como o ataque ou a fuga.

Mas... e diante das situações de comunicação, e “de falar em público”, de que se trata essa ameaça? Utilizar a palavra seria ter que travar uma luta? Em que sentido? Tais reações biológicas favoreceriam o indivíduo nesta determinada ação, a de falar? O que acontece com a voz desta fala nesses momentos? E ainda: de onde vem a “determinação” do estímulo que faz com que o indivíduo sintasse ameaçado? Dos órgãos sensoriais? De seu aparelho psíquico?

Pode-se pensar, por exemplo, no controle voluntário do diafragma, importante para a qualidade da fonação (para o controle do ar respirado para a fala). No momento em que o indivíduo vive tais reações, tal controle não acontece. O organismo vive a necessidade de manter a sua vida (biológica ?), utilizando com freqüência a musculatura inspiratória acessória (respiração superior), como no caso de um esforço.

A freqüência respiratória é aumentada (assim como o ritmo cardíaco), o que dificultará o fluxo aéreo para a fonação. O corpo do indivíduo vive uma situação de esforço, que o mobiliza intensamente, querendo a todo custo “preparar-se para anular” a situação ameaçadora vivenciada. E o indivíduo está lá, falando, expressando-se através da palavra, realizando um ato pertencente à sua vida sociocultural, sustentado pela vida biológica (mas regido pelo psíquico?), que nesse momento é vivida como um “turbilhão”. Seus olhos, seu olhar, suas mãos (e até seu pensamento, muitas vezes) escapam ao seu controle, ao controle de sua vontade, ficam “sem lugar”. As ações voluntárias são momentaneamente “subjugadas”,

prejudicadas pela mobilização do organismo para se defender do que vive como perigo.

Simples perguntas aparecem: perigo de quê? De viver (ou morrer) no social? De não dar conta do que lhe é exigido socialmente? E mais: a intensidade e a frequência de tais mobilizações correspondem às vivências individuais? Estariam portanto relacionadas ao psiquismo (“conjunto dos fenômenos ou dos processos mentais conscientes ou inconscientes”, Ferreira, A., 1989) do indivíduo?

Com outras palavras: tal mobilização do organismo para se defender do perigo, tal reação (“resposta a uma ação por meio de outra que tende a anular a primeira”, Ferreira, A., 1989), aconteceria necessariamente pelo que é próprio à “dinâmica” social? Ou a “ação” que a suscitou teria relação com o psiquismo do indivíduo? Teria alguma relação com a linguagem?

Discursar é um ato social. Para falar atuando com mais harmonia, mais naturalmente, faz-se necessário (tanto para a fonação quanto para a argumentação, para a exposição do pensamento), considerar o que atua originando tal mobilização, já que esta deixa, muitas vezes, a pessoa que fala sem movimentos corporais, necessários para uma existência mais voluntária e eficiente diante de seus objetivos.

As reações do Sistema Nervoso Autônomo são, pois, bastante importantes, daí o assunto ser um pouco mais explanado a seguir.

Guyton (1988) diz que tanto o Sistema Nervoso Autônomo Simpático quanto o Parassimpático são estimulados por vários centros cerebrais localizados no hipotálamo. A regulação hipotalâmica se deve a variados centros, especialmente nos lobos cerebrais pré-frontais e nas regiões temporais do córtex (camada superficial do cérebro relacionada às funções cognitivas caracteristicamente humanas), e ainda ao tálamo e a estruturas associadas situadas na profundidade cerebral. Conclui o autor que componentes conscientes ou subconscientes podem produzir efeitos autonômicos.

Sobre o hipotálamo, faz-se oportuno colocar que o mesmo é uma região encefálica na extremidade anterior do diencéfalo, uma das subdivisões do encéfalo, de acordo com a divisão embriológica

do sistema nervoso. Anatomicamente, o diencéfalo encontra-se no cérebro, acima do tronco encefálico, como é visto na Fig. 1-11.

A respeito da região pré-frontal (possuidora de centros que regulam o hipotálamo, que por sua vez estimula o Sistema Nervoso Autônomo), Luria (1981) afirma que a mesma mantém conexão com a formação reticular (formação do tronco encefálico, que ocupa grande área, e que exerce importante papel na ativação do córtex

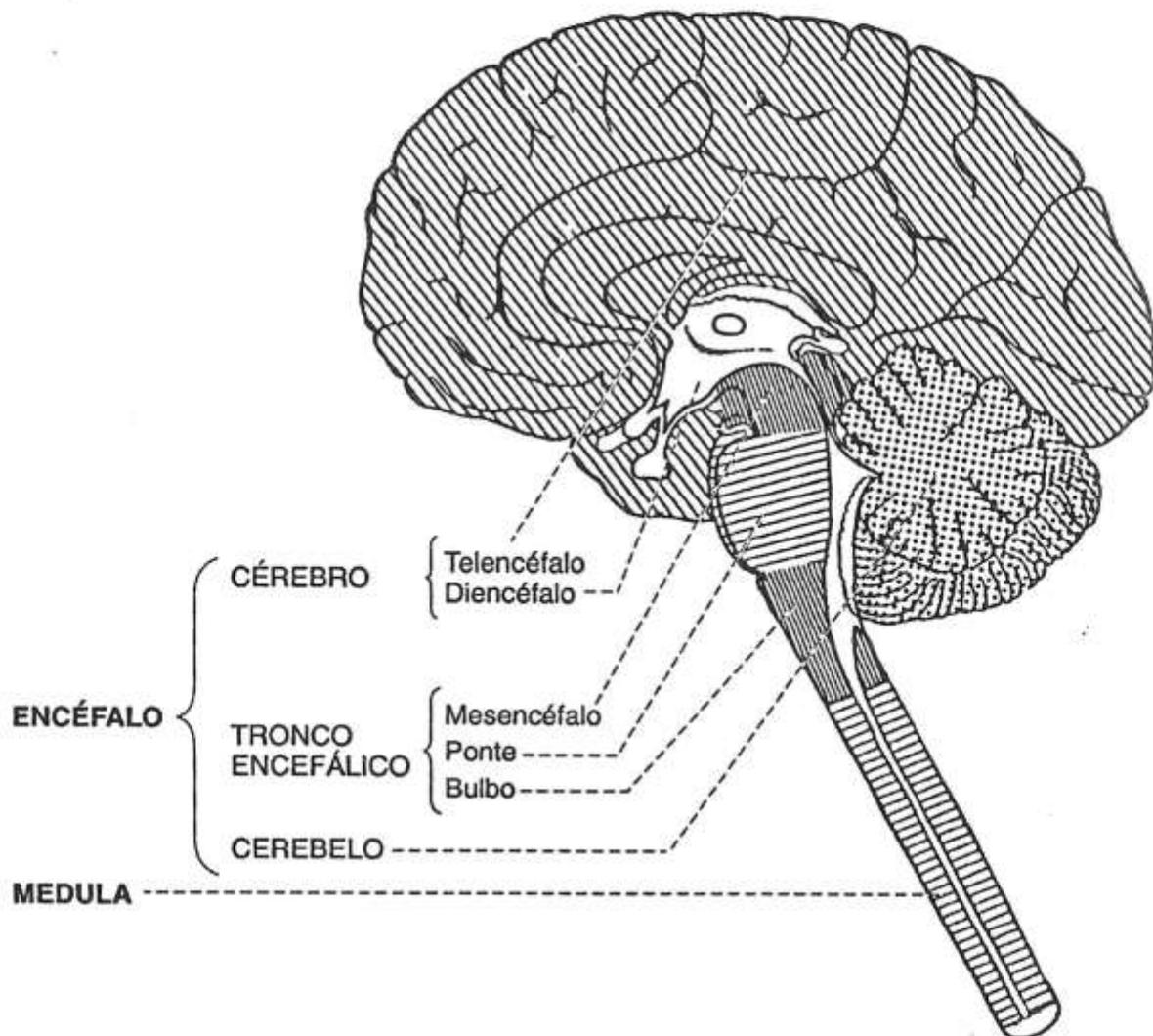


Fig. 1-11. Partes componentes do Sistema Nervoso Central. Extraído de Machado, A. Neuroanatomia Funcional. 2^a ed. Belo Horizonte: Atheneu, 1993. p.12.

cerebral, modulando o tônus cortical), com as partes superiores do tronco cerebral e estruturas talâmicas (situadas no diencéfalo), como com todas as outras zonas corticais. “Essas conexões capacitam as zonas pré-frontais a controlar tanto o estado geral do córtex cerebral como o curso das formas fundamentais de atividade mental humana” (Luria, 1981).

Estas afirmações são essenciais para a compreensão da relação entre as reações simpáticas (e parassimpáticas) e o tônus cortical e da musculatura corporal (incluindo obviamente a participante da emissão sonora falada).

Ainda dizendo respeito à regulação hipotalâmica, têm-se as regiões temporais do córtex, nas quais se encontra o córtex auditivo primário. Este córtex recebe a informação dos sons da fala que são interpretados como palavras, e que por fim são interpretados como pensamento na área de Wernicke, localizada na parte pósterosuperior do lobo temporal (Guyton, 1988). Luria (1981) chama a atenção para as zonas secundárias desse córtex, devido ao fato de serem essas zonas secundárias o aparelho fundamental para a análise e síntese dos sons da fala, que representam, segundo o autor, a qualidade que diferencia a audição humana daquela dos animais.

Nas zonas pré-frontais, localiza-se nas pessoas destros, no hemisfério esquerdo, a área de Broca, que segundo o Guyton (1988) funciona associada a outras áreas (o córtex motor primário, os gânglios basais e o cerebelo) para controlar as seqüências de contrações dos músculos laríngeos, orais e respiratórios, necessários para a emissão das palavras.

Lembrando que centros nas regiões temporais do córtex e nos lobos pré-frontais participam da regulação do hipotálamo, que por sua vez estimula o sistema autônomo, é importante o fato de que tanto uma região quanto a outra participam do fenômeno lingüístico. E ainda mais importante seria indagar se haveria relação entre esta faculdade e o referido sistema. A fala, a linguagem poderiam “estimular” o sistema autônomo? Os componentes conscientes e os subconscientes que produzem efeitos autonômicos, como afirma Guyton, estariam relacionados à linguagem? A atuação da lingua-

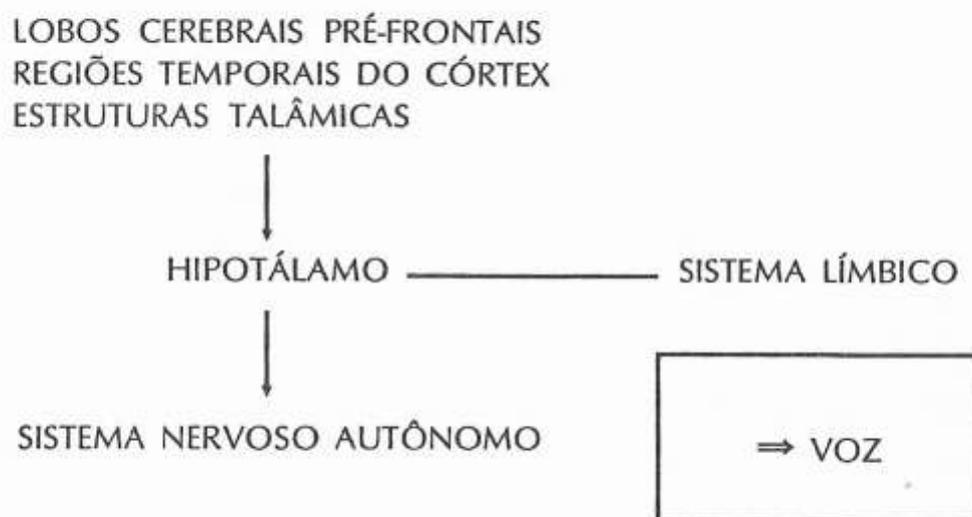
gem estaria presente nos caminhos que percorrem tais estímulos nervosos? Pode-se pensar que o sistema nervoso humano atua “permeado” pelos “traços lingüísticos”? Estaria o primeiro comprometido de alguma forma pelos últimos?

Importante considerar que a manifestação do Sistema Nervoso Autônomo e, conseqüentemente, as descargas adrenérgicas e colinérgicas podem advir via estruturas filogeneticamente primitivas já mencionadas e, por vias mais recentes, exclusivamente humanas, como determinadas zonas pré-frontais intimamente relacionadas à fala.

O autor Ganong (1977) coloca que o hipotálamo também funciona com o sistema límbico (localizado na face medial de cada hemisfério cerebral, como um anel cordical contornando as formações inter-hemisféricas), como uma unidade que regula a conduta emocional e instintiva, além de funções reflexo-viscerais (**Resumo Esquemático 1-3**).

É seu o dizer:

“A estimulação do hipotálamo produz respostas autonômicas. As respostas autonômicas deflagradas aí fazem parte de fenômenos mais complexos como a raiva e outras emoções. As emoções têm componentes tanto físicos como mentais. Elas implicam em cogni-



Resumo Esquemático 1-3.

ção (conhecimento da sensação e usualmente sua causa), afeto (sensação em si), conação (impulso para entrar em ação) e modificações físicas (hipertensão, taquicardia e sudação).”

O Sistema Nervoso Autônomo cumpre, como se abordou, a função (ação própria) de “proteger o organismo” de situações que ameaçam, de alguma forma, a manutenção de sua constância interna – situações de estresse. Não cabe a este sistema analisar a realidade dos estímulos recebidos, mas reagir imediatamente ao recebê-los.

O sistema autônomo responde tanto a estimulações vindas do hipotálamo e sistema límbico (estrutura muito antiga filogeneticamente), e que estão associadas a manifestações emocionais e instintivas, quanto a estímulos vindos das zonas pré-frontais (recentes filogeneticamente, mais especificamente humanas), por suas relações com o hipotálamo. De acordo com os autores citados, componentes conscientes ou não, manifestações emocionais ou situações de emergência podem provocar os efeitos deste sistema.

As reações do sistema simpático, que o indivíduo sob estresse apresenta (ritmo respiratório alterado, diminuição na salivação, tonicidade diafragmática aumentada), interferem, é sabido, na voz, na fala e na comunicação do indivíduo.

Situações estressantes de diferentes graus fazem parte do viver do indivíduo, sejam elas devidas a estímulos provenientes de sua realidade externa e/ou à sua realidade interna.

Realidade externa refere-se aqui à que diz respeito ao mundo concreto, percebida pelos sentidos numa situação objetiva. A realidade composta dos fatos objetivos pertinentes à história cronológica de um indivíduo, partilhada e “arquivada” também por outros que o cercam...

Realidade interna refere-se aqui à mental, à internalizada em signos, psíquica – que diz respeito aos processos conscientes e inconscientes. Realidade onde ficam registrados “traços íntimos” da história de um indivíduo (à sua maneira), guardando sua individualidade, sua identidade psíquica...

Nervos Cranianos Participantes na Produção da Voz e da Fala no Momento de Comunicação

Os nervos que saem do crânio possuem fibras aferentes e eferentes. Os que fazem a inervação da musculatura que diz respeito ao processo de fonação e da fala, direta ou indiretamente (como o nervo óptico), são os seguintes pares: II, V, VII, VIII, IX, X e XI.

O nervo óptico (II par) conduz impulsos visuais, permitindo a recepção visual do interlocutor (sua expressão corporal e facial), do ambiente...

O trigêmeo (V par) é o nervo sensitivo geral da face, do nariz, da boca, frente e parte alta da cabeça e do nervo motor, distribuindo-se aos músculos mastigadores que movimentam a mandíbula — movimento essencial na articulação dos sons da fala e importante para o timbre da voz.

O nervo facial (VII par) é essencialmente motor; compõe a expressão facial, inervando lábios, bochechas, frente, asas do nariz, etc.... Contém fibras eferentes do Sistema Nervoso Autônomo que comandam a ativação das glândulas salivares (submandibular e sublingual). Como o trigêmeo, é importantíssimo na articulação dos sons falados.

O VIII par, nervo vestibulo-coclear, é sensitivo e serve ao equilíbrio e à audição. Sentido essencial para a aquisição da fala e o controle desta e da voz, permite a recepção das mensagens faladas.

Glossofaríngeo é o IX par craniano. Atua no paladar e na sensação do terço posterior da língua. Contém fibras sensitivas da mucosa faríngea, além de inervar motoramente o estilofaríngeo — músculo que participa do movimento da faringe, importante na qualidade do som da voz (altura, ressonância). Contém fibras autonômicas que inervam a glândula parótida (grande glândula salivar).

O X par é o nervo vago; é o maior dos nervos cranianos, percorrendo o pescoço e tórax, terminando no abdômen. É um nervo misto, contendo fibras motoras, inervando músculos laríngeos e faríngeos. Sendo um importante elemento do sistema autônomo, entra na formação dos plexos viscerais que promovem a inervação

autônoma das vísceras torácicas e abdominais, como os pulmões e o coração.

Machado (1981) afirma que o nervo motor mais importante da laringe é o nervo laríngeo inferior ou recorrente, cujas fibras, no entanto, são, em grande parte, originadas no ramo interno do nervo acessório.

O XI par craniano é o nervo acessório, que possui uma raiz craniana e outra espinhal. A primeira inerva motoramente os músculos da faringe e laringe. A segunda raiz, que no trajeto do nervo se une à parte motora, inerva com suas fibras espinhais os músculos trapézio e esternocleidomastóideo, que movimentam a cabeça e os ombros, incluindo-se entre os músculos inspiratórios acessórios. Suas fibras eferentes viscerais gerais inervam vísceras torácicas, juntamente com as fibras vagais.

O nervo hipoglosso, o XII par, é o nervo motor da língua, órgão importantíssimo para a articulação dos sons da fala, interferindo na voz também pela sua relação com a laringe.

RESPIRAÇÃO

Existem dois processos na respiração: a absorção de oxigênio pelo corpo (respiração externa) e a troca de gases entre a célula e o seu meio líquido (respiração interna).

Inspiração e expiração, dois momentos respiratórios distintos. A contração do diafragma e dos músculos inspiratórios faz com que o volume intratorácico aumente. A pressão nas vias respiratórias torna-se ligeiramente negativa e o ar penetra nos pulmões. Com o relaxamento do diafragma e da musculatura inspiratória, associada a certa elasticidade pulmonar, o tórax volta à sua posição expiratória. A pressão nas vias respiratórias torna-se ligeiramente positiva e o ar sai dos pulmões, passando para as vias respiratórias superiores, chegando ao exterior. Neste mecanismo respiratório, os músculos expiratórios são utilizados quando solicitados, ou seja, quando ne-

cessários para a realização da função respiração, assegurando a vida do indivíduo.

O agente mecânico principal da respiração é, pois, constituído pelos músculos estriados. A atividade destes músculos é controlada pelo Sistema Nervoso, regulada por centros bulbopontinos, sendo regida pelo Sistema Nervoso Autônomo e também recebendo estímulos do Sistema Nervoso Somático. A atividade dos músculos respiratórios pode também ser controlada voluntariamente.

A regulação da respiração automática ou espontânea é dependente do centro respiratório bulbar, influenciado por centros pontinos e fibras vagais que se originam em receptores pulmonares. O bulbo e a ponte são estruturas nervosas situadas no tronco encefálico. Esse centro bulbar acha-se dividido em centro inspiratório e centro expiratório. Possui um controle químico e um controle não-químico.

O centro pneumotáxico, constituído por células da ponte que recebem impulsos eferentes do centro inspiratório bulbar, exerce efeito inibidor sobre este. O centro apnêustico, grupo de neurônios também pontinos, recebe impulsos diferentes do centro pneumotáxico e das fibras vagais, atuando como “intermediário” dos impulsos até os neurônios inspiratórios.

“Os neurônios motores que inervam os músculos respiratórios recebem indubitavelmente fibras aferentes excitatórias e inibitórias do neocórtex, pois a inspiração e a expiração podem estar sob controle voluntário, sendo, porém, a respiração normalmente um fenómeno involuntário [...]. Dor e estímulos emocionais interferem na respiração, de modo que devem existir fibras aferentes também do sistema límbico e do hipotálamo” (Ganong, 1977).

Guyton (1988) coloca como os quatro fatores mais importantes para o controle da respiração os seguintes: a pressão de gás carbônico no sangue, a concentração dos íons hidrogênio no sangue, a pressão do oxigênio no sangue e os sinais neurais das áreas cerebrais, controladores dos músculos. Dentre outros fatores, o autor aponta: a pressão arterial, os efeitos sensoriais (afetam a ventilação alveolar apenas transitoriamente), a estimulação psíquica e a fonacão. Quanto a este último, o autor afirma:

“Os centros da fala, do cérebro, também controlam, às vezes, a respiração. Quando uma pessoa fala, é importante que seja controlado o fluxo de ar nas cordas vocais, do mesmo modo que é também importante o controle das próprias cordas vocais. Portanto, sempre que são emitidos sinais do cérebro para as cordas vocais, sinais colaterais são enviados simultaneamente para o sistema respiratório.”

No que diz respeito ao controle da respiração, Souchard (1989) cita as zonas corticais pré-motoras, as circunvoluções límbicas e a formação reticular do mesencéfalo (atuando no controle dos centros bulbopontinos). O autor referido menciona também, dentre outros, o controle proprioceptivo respiratório, originário dos fusos neuromusculares numerosos no nível do diafragma e mais especialmente no interior dos músculos intercostais, e dos receptores articulares. E ainda, dizendo respeito à regulação metabólica (permite estabilidade de O₂ e CO₂ no sangue arterial), cita os quimiorreceptores arteriais, ligados ao bulbo pelos nervos glossofaríngeos (dão a sensação do terço posterior da língua, participam da motricidade faríngea e contêm fibras do sistema autônomo que inervam a glândula salivar parótida).

Souchard (1989), apontando a respiração como uma função hegemônica, pontua:

“A ação do comando voluntário da respiração só pode ser limitada no tempo, visto que, nesta circunstância, a função respiratória essencial para a vida não pode ser assegurada. Encontramos aí um exemplo da organização hierárquica das funções: aquelas necessárias à sobrevivência devem ser preferencialmente asseguradas, e por outro, um exemplo de superioridade provisória que o sistema nervoso consciente pode exercer sobre o ‘sistema nervoso inconsciente’.”

Aqui cabe uma pergunta: em que sentido o autor refere-se a “sistema nervoso consciente e inconsciente”?

Seguindo, o autor coloca o estresse entre as causas de defasagem das trocas respiratórias. Dizendo que o Sistema Nervoso Autônomo Simpático deve ter, segundo o mesmo, uma ação sobre o tônus do

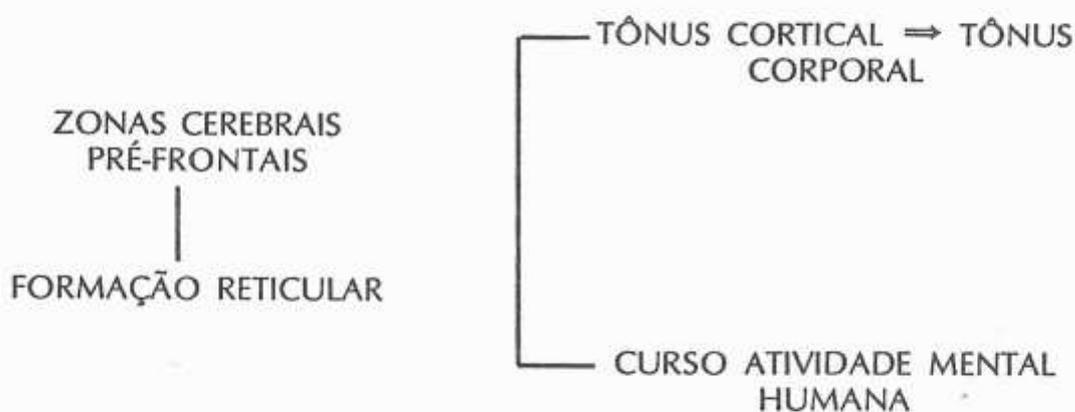
diafragma, Souchart afirma que toda agressão de caráter neuropsíquico ou somático aumenta o tônus neuromuscular, e segue:

“Por outro lado, o controle emocional da respiração pode levar a um aumento considerável da atividade dos músculos da respiração. O medo, por exemplo, bloqueia provisoriamente a respiração. Através do tônus muscular, as agressões de caráter neuropsíquico fixam-se no aparelho músculo-esquelético (**Resumo Esquemático 1-4**).

O tônus muscular normal fica entre os estados de flacidez e espasticidade, tendo portanto relação com os processos nervosos de excitação e inibição. O tônus muscular é influenciado pelo tônus cortical (do córtex cerebral).

Luria (1981) fala sobre três unidades principais de funcionamento cerebral. A primeira delas regula o tônus do córtex cerebral (que influencia o tônus muscular corporal), sendo ativada dentre outros fatores pelos “planos e intenções”. Diz o autor:

“Com alguma aproximação à verdade, elas podem ser descritas como uma unidade para regular o tono ou a vigília, uma para obter, processar e armazenar informações que chegam do mundo exterior, e uma unidade para programar, regular e verificar a atividade mental [...]. A primeira unidade tem pelo menos três origens principais de ativação: os processos metabólicos que levam à homeostase [...]; o



Resumo Esquemático 1-4.

reflexo de orientação [...]; as intenções e planos, por previsões e programas que se formaram durante a vida consciente do homem, que são sociais em sua motivação e que são efetuadas com a participação íntima da fala, inicialmente externa e posteriormente interna. Toda intenção formulada em fala define uma certa meta e evoca um programa de ação que leva à consecução daquela meta.”

Antes de dar prosseguimento ao tema, seria fundamental reconhecer a complexidade do controle respiratório. Quantos fatores estão presentes, oriundos das mais diversas áreas!

Indo até os bronquíolos, Junqueira e Carneiro (1974), em sua obra, afirmam que em suas paredes ficam os alvéolos (últimas estruturas na “árvore respiratória”), que, por sua vez, são revestidos por um epitélio capaz de realizar trocas gasosas (O₂ e CO₂). Algumas de suas células (células septais), no entanto, são consideradas como secretoras de uma determinada substância. Tal secreção é controlada pelo sistema nervoso, sendo que um estímulo colinérgico promove a expulsão desses glânulos para a luz alveolar. O que acontece nesses momentos com a respiração? Que implicações poderia trazer para a fonação?

Mysak (1988) , abordando o fato de a respiração produzir a coluna de ar para a fala, diz:

“O sistema respiratório produz pelo menos dois tipos de fluxo de ar, o vegetativo e o da fala [...]. A respiração da fala é caracterizada pela mudança de um padrão inspiratório-expiratório oral e pela mudança das fases de inspiração e expiração, quase iguais para uma fase inspiratória comparativamente curta e rápida, seguida por fase expiratória longa e lenta [...]. Em resumo, a respiração vegetativa bulbar pode ser descrita como um padrão nasal-simétrico, e a respiração cerebral da fala pode ser descrita como um padrão oral-assimétrico.”

Luria (1981) , abordando a função de respiração, diz que o conjunto desse processo acontece como um *sistema funcional completo*, englobando muitos componentes pertencentes a diferentes níveis dos aparelhos secretor, motor e nervoso. Um *sistema funcional* (conceito criado por Anokhin) se caracteriza pela sua comple-

xidade estrutural, mas também pela mobilidade de suas partes constituintes. A maneira pela qual a tarefa que a respiração se presta (homeostase) pode variar muito. Luria exemplifica:

A fonação é portanto realizada essencialmente por músculos (respiratórios, da laringe, da faringe...) conduzidos pelo Sistema Nervoso Central (e periférico), sofrendo influências do Sistema Nervoso Autônomo. Esse comando nervoso por sua vez sofre influências do psíquico (consciente e inconscientemente), favorecendo ou não o processo de fonar.

O estado tônico, a flexibilidade da musculatura envolvida interferem na qualidade dos movimentos que participam deste processo (os do diafragma, do véu palatino, da faringe e da língua, dentre outros), interferindo também na forma de cavidades por onde passa o ar expirado produzindo a voz. O resultado vocal dependerá destes fatores, entre outros.

O funcionamento da respiração vegetativa apresenta diferenças em relação ao seu funcionamento durante a fala, a comunicação.

Devido a aspectos neuropsíquicos, mudanças, variações e alterações aparecem no ritmo respiratório, no fluxo aéreo que chega à laringe, na altura e intensidade da voz, no resultado vocal, nas inflexões, no ritmo da fala...

De maneira simples e clara, Freud escreveu sobre a expressão da atuação psíquica (anímica) sobre o homem. Acrescentando, antes, que *Psyche* é uma palavra grega e se concebe na tradução alemã como alma. Com a palavra, Freud (edição — 1990):

“O exemplo mais corriqueiro de atuação anímica sobre o corpo, observado regularmente e em todas as pessoas, é fornecido pela chamada “expressão das emoções”. Quase todos os estados anímicos de um homem exteriorizam-se nas tensões e nos relaxamentos de seus músculos faciais, na focalização de seus olhos, no afluxo de sangue para sua pele, no emprego [variável] de seu aparelho vocal e na postura de seus membros, sobretudo as mãos.”

A fonação é dependente de estados orgânicos e do psiquismo do indivíduo e serve a necessidades sociais. As “vias” entre o que permite a realização de sua ação (a musculatura) e o que a “inspira”

e controla estão presentes no sistema nervoso do indivíduo. As “intenções” do ser humano, conscientes ou inconscientes, passam por essas “vias”, revelando-se, exteriorizando-se em movimentos, ações, reações, atuações... na voz!

CAPÍTULO 2

A FALA

Apontar alguns aspectos pertinentes à fala, à articulação de seus sons, ao som da voz que a acompanha, bem como à relação entre fala e pensamento, fala e movimento e ainda da audição com a fala é a intenção deste capítulo, além de considerar uma “outra fala” e uma “outra audição”, tão importantes para as ações voluntárias de um indivíduo.

Por definição, *falar* é exprimir-se por palavras. A *fala* é, portanto, a ação de expressar-se, de exprimir-se por palavras, sendo, constantemente, objeto de vasta e diversificada literatura.

Saussure (1991) ao apontar o objeto da lingüística — a língua (convenções adotadas pelo corpo social) — entende a fala como o mecanismo psicofísico que permite ao indivíduo exteriorizar as combinações pelas quais realiza o código da língua, exprimindo assim seu pensamento pessoal.

Para falar, expressar-se oralmente por palavras são imprescindíveis os órgãos e sistemas responsáveis pela produção do som da língua falada. Saussure (1991) coloca a expiração, a articulação bucal, a vibração da laringe e ressonância nasal como os fatores que podem entrar em jogo na produção desse som.

Quem fala necessita utilizar-se da língua para a realização concreta de sua enunciação. Fala e língua são elementos constitutivos da linguagem — manifestação global (física, fisiológica e psíquica) que atua na comunicação lingüística, de acordo com Bakhtin (1992).

As palavras da língua, na abordagem de Saussure, dizem respeito à impressão psíquica, à representação sensorial (“imagem acústica”) do que, unido a um conceito, transforma-se um signo lingüístico.

A faculdade lingüística está, portanto, associada à operação intelectual de formulação de conceitos, que diz respeito ao pensamento (dentre outras funções mentais).

FALA E PENSAMENTO

A relação entre pensamento e linguagem é abordada por muitos escritores em diferentes áreas de conhecimento.

Wells, H.G. (1968) escreve:

“Pensamento é função da linguagem. Enquanto a linguagem não se desenvolveu até certa amplitude, não houve pensamento acima da experiência imediata, pois a linguagem é um instrumento do pensamento.”

Conforme aumentava o número de palavras, maior também se tornava a capacidade mental, afirma o autor citado.

O homem primitivo, com a presença da fala e da linguagem, saía de um estado natural, puramente biológico animal, para um outro, humano, onde o aspecto social (e cultural) existe. A fala possibilitou e garantiu esta mudança. Tornou-se um instrumento na relação entre os homens e o mundo. Iniciou-se um caminho sem volta que abriu os horizontes da espécie humana. Criou-se o “mundo humano”.

Falando, o homem traz para o exterior o que está em seu interior — idéias, pensamentos, intenções. Leva aos ouvidos de outros, através do som de sua voz em palavras, conteúdos de sua história pessoal, social e cultural.

Pensamento, linguagem, língua, fala, voz — fios de uma mesma teia na interação humana.

Segundo Vygotsky (1989), a formação de conceitos é dirigida pelo uso de palavras como o meio para centrar ativamente a atenção,

abstrair determinados traços, sintetizá-los e simbolizá-los por meio de um signo. Para o autor, o desenvolvimento do pensamento é “determinado” pela linguagem, sendo o significado das palavras seu componente indispensável, uma união da palavra e do pensamento. O autor afirma que não é só expressão que o pensamento encontra na fala, encontra a sua realidade e a sua forma. Vygotsky afirma:

“Na nossa fala há sempre o pensamento oculto, o subtexto. O pensamento tem que passar pelos significados e depois pelas palavras [...]. A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo.”

Mas há, no entanto, uma outra fala, chamada por Vygotsky de “fala interior” – fala de um indivíduo para si mesmo. Ao contrário da fala exterior, esta interioriza-se em pensamento.

Bakhtin (1992) ressalta a importância do signo interior – a palavra por excelência – quando diz:

“Não há signo exterior sem signo interior. O signo exterior, incapaz de penetrar no contexto dos signos interiores, isto é, incapaz de ser compreendido e experimentado, cessa de ser um signo, transformando-se em coisa física.”

A interação dialética entre signo interior e exterior é fundamental no universo verbal, tanto no que diz respeito à compreensão do material semiótico quanto à expressão deste, seja quando o indivíduo fala com os outros, transmitindo idéias, intenções, pensamentos ... ou quando “fala”, consigo próprio (fala internalizada). Integra, portanto, o processo de enunciação de um discurso, uma situação de comunicação.

Quando exterioriza-se, o conteúdo interior é obrigado a “vestir-se” com o material concreto (sons articulados), que dispõe de suas próprias “regras de organização” (língua – “convenções adotadas pelo corpo social” – Saussure [1991]).

Interiorizado e exteriorizado, o discurso sofre influências de funções mentais associadas, como a memória e o pensamento. Em relação ao pensamento, pode-se sugerir a designação tanto do pensamento consciente quanto de um “pensamento inconsciente”.

A fala, segundo a neuropsicologia, que se preocupa em estudar o cérebro humano em funcionamento, e da qual Luria e Vygotsky fazem parte, é encarada “como uma forma completa e especificamente organizada de atividade consciente”, possuindo de acordo com esta, não só a função de comunicação, mas a de abstração da realidade e de organizar a atividade mental, regulando o comportamento, reorganizando a percepção, introduzindo o homem no mundo simbólico como elemento ativo.

A fala, a linguagem, o discurso interior podem ser facilitadores ou não, das ações, do comportamento do indivíduo, inclusive de sua fonação e elocução. O sentido deste dizer vem sendo apontado desde o capítulo anterior, esclarecendo-se um pouco mais no decorrer deste.

O sistema nervoso do homem (sistema que rege seu comportamento, suas ações e reações) se constituiu filogeneticamente tão diferente, pela presença da fala. A fala está presente nos sistemas funcionais individuais responsáveis pelas ações, pelos comportamentos individuais, inclusive os que dizem respeito à fonação e à dicção.

O SOM DA FALA

O som vocal é composto de ondas sonoras que são constituídas de partículas de ar em movimento. O ar utilizado na voz sai dos pulmões, passa pela traquéia, chegando à laringe, onde sofre a atuação mecânica pelas cordas (ou pregas) vocais, transformando-se em voz. Da laringe, o ar vai passando pela faringe até a boca ou nariz. Esse sistema de passagem de ar da laringe para fora é conhecido como “trato vocal” (inclui, portanto, a transformação do som da voz em fala articulada).

As ondas sonoras vocais nascem na laringe, mais especificamente nas pregas que determinam a frequência fundamental de um som vocal por meio de sua vibração (ver pp.7 e 8). Tal som pode

variar com a tensão, o comprimento e o volume das cordas vocais e com a quantidade e qualidade do fluxo aéreo, entre outros fatores.

Da laringe, as ondas sonoras são modificadas pelos chamados ressonadores vocais: faringe, cavidade oral e nasal, seios paranasais. Os ressonadores proporcionam às ondas sonoras maior complexidade e harmonia sonora, enriquecendo, embelezando, propagando a voz — devido aos sons harmônicos da onda sonora fundamental adquiridos nos mesmos.

A variação do som da voz apresenta-se em sua intensidade (forte ou fraca), altura (grave e agudo) e no seu timbre (revelando sutilezas no sentido expressivo sonoro). O timbre, pode-se dizer, caracteriza a individualidade da voz e do momento da emissão.

A ressonância vocal permite (favorece) que a voz possa se projetar no ambiente.

Dominar e direcionar a matéria prima para produzir o som vocal — o ar respirado — é essencial para sua qualidade. Como é possível tal controle? Do quê depende o mesmo?

Fundamentalmente, pode-se afirmar que a voz é resultado da mobilidade e tonicidade dos músculos participantes de sua produção e do (*feedback*) auditivo. Tais músculos são comandados pelo sistema nervoso e vivem influências psíquicas. O controle da voz dependerá, portanto, direta ou indiretamente da percepção e atenção dadas às sensações corporais, da audição, e do universo psíquico de cada indivíduo.

A qualidade vocal, as entonações da voz revelam estados da alma e do corpo!

ARTICULAÇÃO DOS SONS DA FALA

Os órgãos fonoarticulatórios (OFA) são os que realizam a articulação dos sons da fala, a saber: os lábios, a língua, as bochechas, o palato, a mandíbula, a maxila e as arcadas dentárias.

O som da voz seria contínuo e a fala não existiria, se esta corrente aérea que vem pela laringe, não sofresse interrupções pelos

órgãos mencionados. A fala se compõe de sons (fonemas) intercalados, compondo então as palavras que são emitidas em frases, discursos, falas... As diferentes modulações impostas ao ar (som vocal) por intermédio das modelações, das junções, articulações dos órgãos fonoarticulatórios produzem o fenômeno da fala exterior, transformando o som da voz em voz falada com as suas modulações próprias.

Essa articulação ocorre pela movimentação dos OFA posicionando-se entre si. Por exemplo, o fonema /t/ é realizado através da articulação (junção) da língua com os dentes incisivos superiores. Nesse caso, essa articulação ocorre de um modo oclusivo, oral e sem sonorização das cordas vocais pelo ar expirado. Para que o som desse fonema seja produzido, faz-se necessário que assim ocorra. Somente a sonorização nesse breve momento articulatório seria suficiente para transformá-lo em outro som: o fonema /d/.

Portanto, no caso dos sons consonantais da língua portuguesa, devem ser respeitados para sua produção: o modo de articulação (oclusivos — produzidos por um obstáculo à passagem de ar: p, b, t, d, k, g, m, n, nh — os três últimos são nasais; constrictivos — produzidos por uma constrição à passagem — por meio de uma fricção: f, v, s, z, ch, z ou uma vibração: r, R, ou com o ar passando lateralmente ao obstáculo: l, lh), o papel das cordas vocais (com sonorização ou sem sonorização — fonemas sonoros ou surdos) e a zona (ou ponto) de articulação (os dois lábios: p, b, m: o lábio inferior e arcada superior: f, v; a língua e o palato: ch, j, lh; a língua e o véu palatino: k, g, nh; a língua e os dentes: t, d, n; a língua e os alvéolos: l, r, s, z).

Os sons vocálicos, diferentemente dos consonantais, não necessitam de efeito de fricção, explosão ou oclusão, mas sim, principalmente, da forma de abertura da cavidade oral. As vogais são sons produzidos sem obstáculos à passagem aérea, podendo classificar-se em anteriores, médias e posteriores, quanto à zona de articulação; quanto ao timbre, em abertas, fechadas ou reduzidas; e em orais e nasais (o véu palatino é abaixado, permitindo a saída do ar nasalizado).

O resultado acústico da vogal é diferente da consoante. Saussure (1991) aborda o fato de nas vogais o som laríngeo aparecer sem o ruído bucal. “Quanto mais a boca se fecha, mais o som laríngeo é interceptado, quanto mais se abre, mais diminui o ruído. É assim que, de modo totalmente mecânico, o som predomina na vogal.”

Recentemente, Behlau e Russo (1993), enfocando as características acústicas das vogais, afirmam que, no caso destas, as faixas de frequências amplificadas representam grupos de harmônicos — uma concentração de energia acústica numa faixa de frequências. Já para as consoantes, as regiões de “incremento de energia” no espectro acústico não representam grupos de harmônicos amplificados. Embora, no caso de consoantes sonoras, continuem as autoras, exista a superposição de um padrão harmônico.

O controle feito pelo sistema nervoso da produção dos sons da fala pelos OFA tem interessado a inúmeros autores desde o século passado, quando Broca apontou a existência, em 1861, de “um centro motor de fala”, no cérebro, nas zonas posteriores do 3º giro frontal esquerdo. Rodrigues (1989), em seu livro, faz uma abordagem abrangente sobre este tema e sobre o controle da motricidade dos OFA integrados a muitos outros aspectos.

Não é objetivo do presente estudo abranger este assunto em tal nível de profundidade, mas citaremos alguns trechos deste autor supracitado apenas para dar uma idéia de sua complexidade.

“No que diz respeito à motricidade dos OFA [...], tal controle envolveria um mecanismo de “alça aberta”, que dispensa o ramo aferente e outros de tipo “alça fechada”, alça central preditiva e alça periférica corretiva, os quais, a partir do monitoramento constante obtido através de alvos somestésicos e acústicos, emitem comandos ajustadores ao longo do curso do movimento [...].”

Somestesia ocorre por informações proprioceptivas e exteroceptivas para o sistema central, para que seja composto o senso de posição e cinestesia (sentido de percepção de movimento).

Rodrigues utiliza o termo “coarticulação” referindo-se à sobreposição de gestos articulatorios — movimentação dos OFA cujo

objetivo é produzir um som modulado com ou sem significado lingüístico — sucessivos.

Ainda segundo Rodrigues (1989):

“A aquisição do padrão adulto de pronúncia dos sons e de um inventário de palavras deve ser considerada um processo [...]. Tal processo seria o resultado da interação contínua da competência fonética, dependente de fatores “periféricos”, como por exemplo as praxias de OFA ou a capacidade perceptual auditiva e da competência fonológica, dependente de fatores “centrais” [...]. Acreditamos que o Sistema Nervoso Central lance mão de vários tipos de segmentação, a depender do grau de automatização das palavras em questão, do ritmo e da tonicidade (traços supra-segmentais), que dão o contexto frasal, e finalmente, conte ainda com as regras lingüísticas do ouvinte.”

A articulação (e coarticulação) dos sons da fala é dependente do sistema nervoso — de um grande número de vias nervosas, elementos, mecanismos..., sendo um processo complexo, que resulta em sutis movimentos que necessitam, num certo sentido, de maior precisão do que a de um instrumentista com o seu instrumento.

A precisão articulatória é fundamental para a clareza sonora da fala, do que está sendo dito — para uma adequada dicção. Tal precisão dependerá da integridade (e percepção) da estrutura e dos processos envolvidos em sua produção, como também requer a flexibilidade e o domínio dos órgãos envolvidos, sendo importante também, considerando a diferença acústica referida, dar-se uma atenção especial às vogais.

A dicção, a maneira de dizer, engloba características associadas ao som da voz, variando de acordo com o significado do que está sendo dito. Os ritmos e as inflexões dadas às falas, as entonações, mudanças na altura inclusive no próprio timbre da voz, variam de acordo com as “instruções” do indivíduo, ao dizer. A expressão exterior, segundo Bakhtin (1992), prolonga e esclarece a orientação tomada, pelo discurso interior e as entonações que ele contém.

Como se sabe, a postura e os movimentos corporais, assim como a expressão facial, auxiliam enormemente o ato de dizer.

Favorecem a interpretação do que está sendo dito, no sentido de serem ser mais compatíveis e reveladoras da intenção ao dizer.

Bastante importante se faz, ainda, pensar no fato de que os primeiros sons articulados que o bebê faz (vocalização e bulbucio) são realizados basicamente para expressar sensações e experimentar seu “aparato vocal”, sendo essencialmente a presença de um outro que dele cuida o que o introduz em sua língua materna, viabilizando seu falar. O bebê realiza sons, repete, experimenta, mas é o outro que os diferencia, que os valoriza no sentido da comunicação. O bebê, ouvindo-se e ouvindo os outros que o cercam, vai descobrindo esse poder de entrar em contato por meio dos sons articulados. Sons que são elegidos de acordo com a língua materna, tornando-se os sons de sua fala, tornando-se linguagem.

FALA E AUDIÇÃO

A audição é um sentido que une o homem ao ambiente, trazendo informações sonoras dele, além de ser o sentido que, naturalmente permite a aquisição da linguagem verbal, da fala, unindo, portanto, o homem aos outros homens, integrando-o no social.

A importância da audição na aquisição e no desenvolvimento da fala, bem como na sua qualidade, é fundamental.

Escutar a fala e a sua voz no momento em que se expressa verbalmente permite ao indivíduo percebê-las e controlá-las melhor. Escutar a fala no sentido de conscientizar-se sobre a sua “realidade interna”, e sobre a maneira como se relaciona com o mundo externo, permite ao indivíduo, percebendo-se, dominar-se, podendo ter uma melhor atuação.

A audição é de importância central e essencial no processo de comunicação verbal. Permite que o fluxo de fala seja recebido pelos outros e, finalmente, que possa ser decodificado.

Luria (1981), quando apresenta as zonas secundárias do córtex auditivo (temporal), fala da importância das mesmas para a análise e síntese dos sons da fala (audição qualificada da fala), que, segundo

o próprio, representam a qualidade que diferencia a audição humana daquela dos animais.

O autor, a seguir, destaca o fato de a fala humana ser organizada em um sistema fonêmico de linguagem, utilizando, assim, sons de um tipo especial que necessitam não somente da agudeza da audição para diferenciá-los, sendo necessário codificá-los e decodificá-los de acordo com o sistema fonêmico da língua.

Citando um trabalho realizado por neuroanatomistas, Luria diz que o mesmo revelou que as zonas secundárias do córtex temporal são ligadas por conexões à região inferior das áreas pré-central e pré-motora, ou seja, a todos os sistemas cerebrais envolvidos na produção da fala articulada.

Por intermédio da audição estabelece-se para o indivíduo o sistema fonêmico da língua que viabiliza sua fala. Escutando o outro, o indivíduo vai podendo construir-se como falante. Escutando os sons que produz, vai monitorando sua fala e sua voz.

Mysak aborda a audição como fazendo parte do “sistema sensor da fala”. Este sistema, segundo o autor, é responsável pelo controle automático e pela monitorização dos símbolos falados, assim como de suas dimensões fonatória, ressonadora, articulatória e temporal (rítmica). Com suas palavras:

“O sensor auditivo monitora o código verboacústico autoproduzido [...]. Quanto ao conteúdo do código falado, o sistema monitora e aciona a correção de expressões orais erradas [...]. Em termos de como o código é produzido, o sistema controla e monitora os aspectos de altura, intensidade, qualidade e duração da fonação, e a velocidade, o ritmo e a articulação da fala.”

A audição é a porta de entrada natural do fenômeno lingüístico — da produção da fala exterior e interior que interdependem-se. Há um complexo: fala — linguagem — audição — voz — o indivíduo — o outro.

A fala necessita essencialmente deste sentido — audição. O mesmo é o principal canal de aquisição desta faculdade que nos tornou humanos, diferenciando-nos bastante dos outros animais,

sendo ainda um canal essencial para o contato com nossas diferenças (e peculiaridades) individuais mais íntimas.

Ouvindo a si próprio, o seu discurso interior e exterior, o indivíduo qualifica sua expressão no mundo, traduzida em movimentos, atitudes, ações, silêncios...

FALA E MOVIMENTO

“O movimento é sempre um processo com um curso temporal e demanda uma cadeia contínua de impulsos intercambiantes.” (Luria, 1981).

A motricidade é controlada pelo sistema nervoso em nível segmentar (medula e tronco cerebral) e supra-segmentar (influências de origem cortical, subcortical ou cerebelar).

O feixe piramidal (recente, filogeneticamente) é a via supra-segmentar mais importante para a motricidade voluntária.

Segundo Luria, o componente inicial dos movimentos e ações voluntárias é a intenção ou tarefa motora que é formulada com o auxílio do lobo frontal do cérebro. Este lobo, de acordo com o referido autor, controla o tono geral do córtex cerebral e com o auxílio da fala interior (influenciado por impulsos aferentes vindos de outras partes do córtex), formula e torna possível a execução da tarefa motora, além de vigiá-la. O conjunto destas realizações é a primeira condição para a execução do movimento, em suas afirmações. A segunda seria sua integridade de aferentação cinestésica, e a terceira condição para que o movimento seja executado é a regulação constante do tono muscular e de uma mudança eficiente de um sistema de inervações motoras.

De volta à primeira destas condições, nas palavras de Luria:

“Os lobos frontais, que possuem um papel tão importante na regulação do tono cortical ótimo, constituem um aparelho com a função de formar planos e intenções estáveis capazes de controlar o comportamento consciente subsequente do indivíduo.”

Pelo fato de ser falante é que o homem é capaz de inibir uma atividade reflexa primitiva, ou melhor, de não atender à necessidade biológica puramente, mas de ter se tornado um ser cada vez mais social.

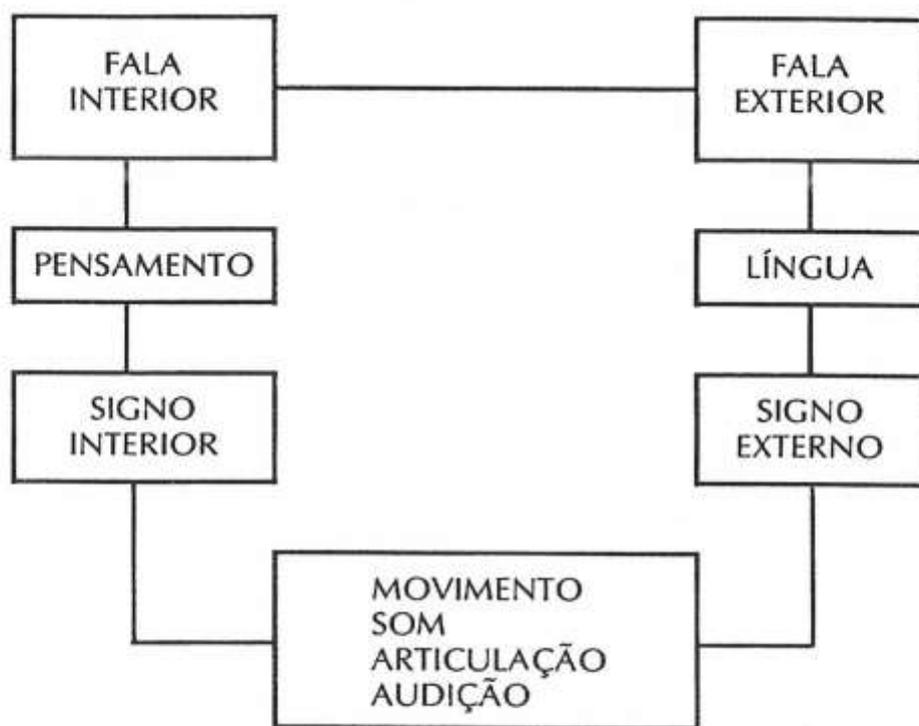
Da comunicação entre adultos e crianças se forma a base do movimento voluntário. Vygotsky (1988) aborda que primeiro a fala acompanha as ações e cada vez mais desloca-se para o início deste processo. Chega a preceder a ação, surgindo assim a função planejadora da fala. Diz o autor:

“Concebemos a atividade intelectual verbal como uma série de estágios nos quais as funções emocionais e comunicativas da fala são ampliadas pelo acréscimo da função planejadora [...]. Criado com o auxílio da fala, o campo temporal para a ação estende-se tanto para diante quanto para trás. A atividade futura, que pode ser incluída na atividade em andamento, é representada por signos [...]. Esse sistema psicológico emergente na criança engloba, agora, duas novas funções: as intenções e as representações simbólicas das ações propositadas.”

A fala, como atributo humano e pertencente ao indivíduo como fala interior, se faz presente no seu comportamento voluntário. Deste comportamento podem fazer parte, no que diz respeito ao falar: o ouvir com atenção a própria voz falada; o controle temporário (possível e necessário à “ação de fonar”) sobre os movimentos dos músculos respiratórios (sobretudo do diafragma); o controle sobre a maneira de articular e inflexionar as palavras ao falar; e ainda a capacidade de escutar seus pensamentos, ouvindo-os sendo expressos por meio de sua fala. Isso oferece a possibilidade de correções, além de favorecer a argumentação discursiva, principalmente se associado ao contato consciente, mantido pelo indivíduo, com suas intenções ao falar.

Fica mais claro o fato, o fato de poder-se afirmar que a qualidade da voz do indivíduo depende de sua fala. Depende dos “planos e intenções” que antecedem os movimentos, da função planejadora de suas ações, de seu discurso interior.

A palavra pode auxiliar o indivíduo a vivenciar suas “reações biológicas inconvenientes” com maior “estabilidade”, tornando as ações voluntárias mais atuantes. Pode favorecer a harmonização possível do indivíduo consigo mesmo, de suas emoções, seus pensamentos... e de seus movimentos necessários à “ação de fonar” (**Resumo Esquemático 2-1**).



Resumo Esquemático 2-1.

CAPÍTULO 3

O INDIVÍDUO QUE FALA

O indivíduo da espécie humana é o sujeito falante, o indivíduo que fala. Este capítulo objetiva focalizá-lo sob este aspecto, já que é ele quem produz e utiliza a “voz da fala”.

O viver humano como tal assim se torna e se realiza através do simbólico, onde os signos, as palavras são elementos fundamentais. O homem se “humaniza” por meio da linguagem, meio que o une ao outro, sendo um ser essencialmente social.

A distinção entre o viver do homem no sentido natural e o seu viver social é marcado pela fala. Vygotsky (1989) cita Engels em “A Dialética da Natureza”:

“O domínio da natureza, que começa com o desenvolvimento das mãos, com o trabalho, foi alargando a cada processo o horizonte do homem. O desenvolvimento do trabalho contribuiu para aprofundar os laços entre os membros da sociedade, multiplicando os casos de assistência múltipla, de cooperação comum e tornando cada vez mais clara em cada indivíduo a consciência da utilidade de tal cooperação. Assim, os homens chegaram a um ponto em que tinham algo a dizer uns aos outros.”

O mundo dos homens (a realidade social objetiva em que vivem) se fez e se faz por intermédio da linguagem, da fala. O mundo de um homem também.

O sistema nervoso do indivíduo que fala, seu comportamento, sua realidade psíquica estão “imersos” na linguagem. A possibilidade de constituir-se e de atuar no mundo humano depende de sua entrada no mundo simbólico, no meio lingüístico.

O papel da linguagem para o ser humano situa-se, entretanto, acima de um simples meio de comunicação através de signos. O indivíduo pode “conhecer o universo” por meio da linguagem. O comportamento, a sua possibilidade de criar e de se desenvolver coexistem com a linguagem. O indivíduo da espécie humana pode perceber-se como um ser particular, pode dar conta de si, e isso é possível devido à linguagem.

Através da e na linguagem o homem existe como tal, vive e cria a sua história, se identifica, se particulariza.

A voz participa desse processo, sendo o veículo, o meio de expressão que corporifica a fala do indivíduo. A voz possibilita que este atue no mundo, desenvolvendo-se na sua história.

A voz que acompanha o dizer pode revelar estados qualitativos da existência (biológica-psíquica-social) do indivíduo que fala.

Vygotsky (1989), abordando a fala expressiva, diz que a mesma se inicia com o motivo ou com a idéia geral a ser expressa, sendo então codificada em um esquema de fala e posta em operação com o auxílio da fala interna. Finalmente, segue Vygotsky, esses esquemas são convertidos em fala narrativa. Esta fala narrativa serve ao indivíduo em seu viver social.

Uma visão da linguagem, proposta por Austin em sua “Teoria dos Atos da Fala”, parte da consideração da mesma como ação, como sendo utilizada para realizar atos. Marcondes (1984) falando sobre o autor enfoca:

“Austin afirma que, quando examinamos a linguagem e o uso de determinadas expressões, não estamos meramente examinando palavras ou sentenças e seus significados, mas a realidade sobre a qual falamos e na qual agimos [...]. O sujeito lingüístico deve ser entendido, portanto, como parte de processo social [...]. Descrever o significado de uma palavra é descrever o modo como é usada e descrever as relações sociais em que toma parte.”

Marcondes segue dizendo que ao investigar a linguagem estamos investigando a sociedade da qual ela é linguagem, e diz: “Não há separação radical entre ‘linguagem’ e ‘mundo’ já que a ‘reali-

dade' é constituída exatamente pelo modo como aprendemos a linguagem e a usamos." E continua:

"O ato de fala é definido como um ato instrumental, a linguagem é um instrumento que se utiliza para se obter determinados fins. O falante usa a linguagem para realizar atos convencionais. Quando a linguagem é adquirida, o que se adquire não é pura e simplesmente uma língua, com suas regras especificamente lingüísticas, mas todo um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associados."

Osakabe (1979), comentando a teoria austiniana, diz que a mesma funda-se no fato de que um ato de dizer não é um ato simplesmente de revelação de um conhecimento da parte do sujeito falante, pois, dizendo alguma coisa, este *age* no mundo. Seguindo, o autor diz que Austin, enquanto filósofo da linguagem, propõe-se à especulação sobre o papel da linguagem no mundo, referindo-se aos significados do ato de dizer, da ação significada pelo ato de linguagem e não sob seu ponto de vista informativo. Os significados do ato de dizer, continua Osakabe em seu comentário, "traçam limites além das frases e dos morfemas, situando-se ao nível de um ato cumprido pelo discurso."

Um outro ponto interessante abordado por Osakabe (1979) diz respeito ao "jogo do discurso", que, dentre outras condições, contém as imagens mútuas (locutor-ouvinte) sobre as quais o locutor constrói seu discurso e os atos a que se visa com a realização do mesmo. Num discurso, tem-se o que o locutor faz ao dizer e o fim a que se destina o ato de dizer.

A esse respeito, Bakhtin (1992), embora diga que o locutor é o único dono da palavra no instante do ato fisiológico de sua materialização, afirma que a palavra situa-se numa zona fronteira, no sentido de que:

"O ato de fala ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social." Diz ainda:

“O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo.”

O indivíduo usa a voz para falar, para atuar no mundo humano, na realidade externa. Pensar a voz como integrante dos “atos de fala” a que se refere Austin, seria pensá-la como um instrumento para a ação, através do dizer presente nas relações sociais dos indivíduos da espécie humana. No “jogo do discurso”, o indivíduo age por meio de sua voz, realizando (ou não), o fim a que se propõe o ato de dizer.

O indivíduo age por meio de sua voz. Age enquanto a emite, a modula, enquanto faz uso do seu processo de fonação ao falar. Age no meio sociocultural. Age sobre o outro e vice-versa. A função da fonação, sua ação própria no viver dos homens, é a de servir ao discurso, materializando-o. Discurso que por sua vez é utilizado pelo indivíduo em seu contexto existencial.

Aspectos pessoais da história desse indivíduo que fala implicarão (e se revelarão) no “jogo do discurso”; nas imagens que ele tem de si e do ouvinte; no fato de autorizar-se ou não em seu dizer, no que se refere ao objetivo a que visa dizer. Enfim, na maneira como age por intermédio de sua voz.

Pensando a voz assim (junto da fala, da linguagem, do sociocultural, como entender a “função fonação”? Seria o bastante pensar tal função somente no que diz respeito ao seu processo fisiológico?

No ato de utilização vocal (na qual a sua produção se inclui), o indivíduo age no mundo externo (social), segundo o que as circunstâncias externas suscitam, e a mesmo tempo, segundo o que lhe permitem as “circunstâncias” internas (sua realidade psíquica), além de sua anatomofisiologia.

Usar a voz é expor-se como sujeito único, individualizado. O indivíduo usa sua voz numa relação com o outro, falando em uma língua utilizada pela comunidade da qual faz parte. Dentro de suas possibilidades, à sua maneira, ocupando um lugar particular no mundo, o seu lugar.

O indivíduo que fala vive num mundo objetivo, possui um corpo onde se realizam funções biológicas (que lhe permitem a vida) e através do qual realiza “funções sociais”, funções estas que o integram no meio sociocultural.

Suas atitudes neste mundo objetivo são marcadas por sua individualidade biológica e psíquica (**Resumo Esquemático 3-1**).

No que se refere ao biológico, alguns elementos, funções e relações (pertinentes ao tema) foram apontados no primeiro capítulo deste estudo. Um pouco mais de esclarecimento se deve no que diz respeito ao psíquico.

De acordo com enciclopédia e dicionário editado por Jackson, W.M., “psíquico” é um termo que vem do grego “*psuchikos*”; de *psukhé*, alma. Refere-se, portanto, segundo a obra citada, ao espírito, à alma ou às faculdades mentais.

Sendo assim, as funções mentais superiores (atenção, memória, pensamento...), a consciência e o inconsciente caberiam neste termo. Ao que se sabe, tais funções, a consciência e o inconsciente (referido por Freud), pertencem exclusivamente à espécie humana, como também a palavra e o mundo simbólico. Surge a questão: o psiquismo humano assim existe por causa da palavra, da linguagem?

Vygotsky (1989) diz:

“Uma palavra é o microcosmo da consciência humana.”

Lacan (1986) diz:

“A linguagem é a condição do inconsciente.”



Resumo Esquemático 3-1.

A relação entre o psíquico e a linguagem, e ainda, entre o mundo psíquico e o objetivo é sinalizada por Bakhtin (1992) quando diz que:

“Toda tomada de consciência (mesmo confusa de uma sensação qualquer) implica num discurso interior, entoação interior e estilo interior, ainda que rudimentares.”

Sendo muito bem marcada quando o autor diz:

“Por natureza, o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer na fronteira dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: o organismo e o mundo encontram-se no signo.”

O organismo (“a vida em organização”), formado por órgãos que compõem sistemas que funcionam coordenadamente, encontra-se com o mundo objetivo por meio do signo, dando forma ao psiquismo subjetivo (“mundo do sujeito”). Outra questão é pertinente: no indivíduo da espécie humana, o funcional e a linguagem estão desvinculados?

Pavlov realçando a ação da palavra sobre o homem, já mostrava o fato de o simbólico influir no organismo:

“Para o homem, a palavra é tão real como estímulo condicionado quanto qualquer outro que ele tenha em comum com os animais, mas ao mesmo tempo a compreensibilidade das palavras é tal que não pode ser comparada nem quantitativa nem qualitativamente com o estímulo condicionado dos animais. Sendo resultado da experiência prévia de vida no homem adulto, as palavras são conectadas com todos os estímulos externos e internos que chegam aos hemisférios cerebrais, as palavras sinalizam e representam todos eles e podem evocar todas as ações e reações no organismo que o próprio estímulo produz.”

O comportamento humano, segundo Luria (1981):

“É de natureza ativa, sendo determinado não apenas pela experiência pregressa mas também por planos e desígnios que formulam o futuro. O cérebro humano é um aparelho notável, que pode

não apenas criar esses modelos do futuro, mas subordinar a eles o seu comportamento (...). O estudo das leis que governam o funcionamento do cérebro como o órgão da atividade mental é um problema muito difícil e complexo (...). Uma contribuição substancial para o sucesso na solução desses problemas foi dada pela criação da *neuropsicologia*, um ramo novo da ciência, cujo objetivo específico e peculiar é a investigação do papel de sistemas cerebrais individuais em formas complexas de atividade mental.”

A neuropsicologia é uma ciência que valoriza o papel da fala na organização das ações e do comportamento humano.

O sistema nervoso do homem é o sistema nervoso do indivíduo falante, que por sua vez está sujeito às influências lingüísticas externas e internas.

O comportamento do indivíduo, seu sistema nervoso em funcionamento, diferencia-se e se individualiza através da fala. O psíquico pertencente ao sujeito é individualizado – “seus sistemas funcionais” e seu inconsciente assim o são.

Segundo Freud (1990), o aparelho psíquico é composto de três sistemas: consciente, pré-consciente e inconsciente. Garcia-Roza (1994) afirma que este último é diferente da consciência, na forma e topograficamente. Diz o autor que:

“O inconsciente não é o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas uma outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível (...). Freud, partindo do texto manifesto – do sonho do sintoma, do ato falho – foi procurar um outro texto escrito pelo inconsciente.”

Garcia-Roza afirma ainda:

“O acesso ao simbólico é portanto a condição necessária para a constituição do inconsciente e, evidentemente, também do consciente.”

A consciência, as funções mentais superiores e suas participações no comportamento voluntário, assim como o inconsciente e suas manifestações, dependem da linguagem, do outro, do social.

Vergote (1986), introduzindo a edição brasileira do livro de Lemaire, afirma:

“O analista reconhecerá que seu verdadeiro poder se encontra apenas no seguinte: tornar possível a emergência da verdade do sujeito.” E ainda: “Condição de sua existência de homem, a linguagem é o lugar de uma verdade e de uma liberdade possíveis.”

A realidade psíquica, estando presente na consciência e no inconsciente do indivíduo, em consonância ao citado, se constitui tal qual é, devido ao simbólico, à linguagem. A história do indivíduo constitui-se de fatos (realidades) objetivos, mas também de "fatos" subjetivos. Melhor dizendo, pode-se contar a sua história narrando acontecimentos vividos objetivamente, partilhados com os demais, vivenciados na realidade externa. Mas pode-se contá-la, também, narrando acontecimentos vividos (sentidos e pensados) na realidade interna, sob o ponto de vista de sua verdade subjetiva, através de sua íntima “visão” do que se está vivendo.

O poeta Fernando Pessoa (1974) parece insinuar a respeito desta intimidade, com seus versos:

“Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia.
Não há nada mais simples.

Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.”

O dito universal “a voz é o eco da alma” pode então sugerir que a fonação é diretamente atingida pelo psíquico (pela mente em sua existência consciente e inconsciente), expressando-o sonoramente.

A voz revela estados psíquicos conscientes por meio de inflexões (modulações vocais) voluntárias, realçando o contexto no qual uma palavra deve ser compreendida, a intenção pela qual foi dita, e estados inconscientes, muitas vezes manifestos pelos efeitos do Sistema Nervoso Autônomo (no ritmo, na qualidade e nas modulações vocais involuntárias, por exemplo).

De alguma forma, o homem convive com esses dois estados da alma. Um que lhe permite ações mais conscientes, voluntárias, e outro que o submete, “habitando” seu corpo mesmo contra sua vontade, fazendo, às vezes, seu coração bater mais rápido, sua res-

piração ficar ofegante, seus olhos e suas mãos ficarem como que sem lugar...

Pode-se dizer que o conflito entre esses dois estados da alma deixa em alguns momentos o indivíduo que fala sem a presença natural de sua subjetividade. A voz nesses momentos pode apresentar-se, como às vezes se diz, “sem corpo”, sem a presente atuação de seu potencial orgânico e intencional (consciente).

Quando o indivíduo se sente ameaçado (não importando se pela realidade externa ou interna), as reações do sistema vegetativo ocorrem, prejudicando suas ações voluntárias. Tal mobilização pode ocorrer em graus variados. É comum sua ocorrência em situações de comunicação com os outros, sendo freqüente em situações em que fala em público (o “pânico” de falar em público).

A expressão lingüística oral nas relações interpessoais concretiza-se por intermédio da “voz da fala”. Seja falando para uma platéia, ou com esposa, marido, filho, colegas de trabalho, pai, etc..., a voz existe num contexto social e no contexto individual – marcado pelos traços que constituem a história do indivíduo que fala.

Falar é essencial ao homem. Não se pode ser humano e fugir da cultura. O indivíduo não pode “fugir” da situação social, de usar a palavra, mas precisa muitas vezes “lutar” através dela.

Há séculos o homem procura dominar a oratória — a arte de falar em público, o falar bem e fluentemente, influenciando os ouvintes. Há séculos também existe o teatro e a necessidade de expressar por meio da fala as intenções de um personagem.

O falar, o bem falar para um público, exige do indivíduo um desempenho adequado na utilização de suas constituições anatomo-fisiológicas; na organização e expressão de seus pensamentos; na clareza de sua fala; além de um domínio possível de sua voz de acordo com seus objetivos.

Osakabe, H. (1989), comentando a obra de Aristóteles (Rhétorique), diz que o mesmo “está interessado no mecanismo através do qual o orador *age* sobre o outro, conduzindo-o à adesão das idéias.” O orador vai procurar conduzir o ouvinte a crer no que ele

diz. Para tal empresa, lança mão de recursos argumentativos, de imagens, provas...e de sua voz!

Para falar “convencendo” o ouvinte da veracidade de seu discurso, é necessário que o falante “acredite” nesta verdade, ainda que seja uma ficção, muitas vezes ocorrendo na atuação de advogados, políticos e na atuação dos atores que necessitam expressar a verdade do personagem. A voz deverá revelar a verdade do discurso, dando-lhe existência e consistência.

A voz, nas relações cotidianas, do mesmo modo revela as verdades e as ficções do sujeito que fala. Verdades estas, conscientes ou não, intencionalmente conscientes ou não.

Pode-se dizer que o indivíduo fala com sua voz, fala com o som expresso (modulado) em sua voz, e ainda com sua postura, com o estado de seus músculos corporais, com sua expressão facial e corporal. A voz também não deixa de ser uma expressão corporal, por tudo o que já vimos nos capítulos anteriores.

O resultado vocal pode auxiliar na clareza, reforçar a mensagem a ser falada, ou expressar a desarmonia vivida pelo indivíduo falante (em seus aspectos afetivos, intelectuais e físicos) na realização das ações motoras presentes na produção do som das palavras faladas.

Embora a produção vocal seja utilizada na expressão de muitos estados afetivos, no homem como nos animais, só no primeiro ela possui sua função específica – a capacidade de influenciar, informar, se dirigir aos outros de forma criativa e consciente.

O movimento, de uma maneira bem simplificada, pode ser entendido como o resultado do deslocamento do momento presente para o momento futuro. A função planejadora da fala, contribuindo para um comportamento voluntário, organizado a partir da função simbólica, organiza ou desorganiza o movimento, as ações específicas.

Respiração envolve movimentos, fonação envolve movimentos. Logo, o comportamento durante a ação de falar, o desempenho do indivíduo ao falar utilizando sua voz, é dependente da palavra como organizadora. A palavra é necessária para que tal indivíduo possa utilizar com mais conhecimento, domínio e harmonia suas consti-

tuições físicas e psíquicas, atingindo da melhor maneira a sua expressão intencional. A palavra pode auxiliar a palavra. Pode auxiliar o indivíduo a “tomar a palavra”, “dar corpo à voz”...

A produção da voz, a “função fonação” requer a participação de muitos elementos, movimentos... e pode ser compreendida como “um sistema funcional” (ou de vários “superpostos”?) individualizado em cada sujeito, de acordo com suas experiências, vivências ou, melhor dizendo, segundo sua história. Tal compreensão implica numa clínica que reconheça o indivíduo, respeitando e considerando sua realidade psíquica, social e suas possibilidades orgânico-funcionais. Sendo assim, a palavra (a fala, a linguagem) será de essencial importância como instrumento nessa clínica.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

A produção da voz da fala pelo indivíduo é um processo orgânico-funcional, psíquico e social, já que será utilizada na interação com os outros.

Embora a voz acompanhe o ser humano desde o seu nascimento, é com a aquisição da fala que será desenvolvida, nas relações interpessoais.

A capacidade de expressar-se por meio da voz, desde o início da vida (no choro, nos sons de satisfação e desconforto do bebê), confirma sua primazia na comunicação. Muitas vezes por si só ela transmite uma mensagem (“a voz que fala”), revelando estados íntimos do indivíduo.

Ouvir a voz da pessoa a ser “tratada” é fundamental para o fonoaudiólogo. O que expressa a voz emitida por um indivíduo com dificuldades na emissão vocal? Estaria revelando que ele possui dificuldades orgânicas e/ou funcionais no processo fonatório? Sem dúvida! Mas o seu som, a maneira como é produzido não estaria revelando um “desconforto”? Qual a origem deste? Seria devido a uma inabilidade na utilização de suas constituições físicas e psíquicas? Estaria revelando desconforto (um esforço) em seu viver no mundo?

O fonoaudiólogo pode se deparar com estas e outras indagações, ouvindo a voz de seu cliente. Através de um exame otorrinolaringológico, esclarecimentos se farão, dependendo do que for consta-

tado. Ainda assim, dúvidas poderão persistir. Mesmo depois de constatadas dificuldades orgânicas e/ou funcionais, a hipótese do desconforto não pode ser descartada tão facilmente.

Mas o que expressa a *fala* desse cliente? Se houver uma cuidadosa escuta do discurso dessa pessoa, falando sobre si mesma, sobre sua comunicação (na sua história), poderá surgir maior clareza sobre suas dificuldades particulares, desconfortos... Sobre estes, o próprio cliente poderá aprofundar-se em seu sentido, se o profissional fizer intervenções significativas no relato. Significativas no sentido de favorecerem a constatação de como são realizadas a produção e emissão vocal que acompanham a sua fala no *seu viver* com outras pessoas, fala esta acompanhada por sua fala interior.

O primeiro capítulo deste estudo procura mostrar a fonação como um processo controlado pelo sistema nervoso, onde a musculatura envolvida é o agente do mesmo. Muitos músculos foram citados com o intuito de realçar sua importância e interdependência na realização da fonação. Sem dúvida que na clínica fonoaudiológica deve ser dada à musculatura que participa da produção da “voz da fala” uma especial atenção (a adequação da tonicidade, a flexibilidade são essenciais para os movimentos harmoniosos necessários à produção do som da fala articulada). Mas não se deve esquecer que tais músculos respondem a um comando do Sistema Nervoso Somático e Vegetativo. Por sua vez, tal comando responde (dentre outros fatores) a “informações” psíquicas-conscientes e inconscientes-próprias a cada indivíduo. Logo, para se atingir eficazmente a musculatura (para que possa haver domínio possível dos movimentos deste processo), é necessária a participação deste “dizer” psíquico. Neste domínio, a fala do indivíduo para si mesmo (discurso interior) é fundamental.

Informar ao indivíduo sobre sua fonação, os elementos e mecanismos que fazem parte de sua fisiologia (simplificadamente), contribuirá para que sua percepção e utilização sejam mais conscientes e voluntárias.

A palavra do fonoaudiólogo ao seu cliente (como foi dito antes), pode orientar a presença de uma fala mais organizadora do indivíduo

a si mesmo e que pode facilitar-lhe viver um estado orgânico e psíquico de maior harmonia consigo e com a realidade que está vivendo. A fala interior poderá favorecê-lo em suas “ações” necessárias à emissão da “voz da fala” e na ação que visa ao seu dizer.

Lemaire (1986) afirma: “A linguagem tem uma virtude: fornecer ao sujeito um ponto de apoio, um ponto de referência possível de sua própria “identidade.” E ainda: “A linguagem é, pois, a condição de tomada de consciência de si como entidade distinta.”

Falando, o indivíduo pode conhecer o significado das dificuldades e facilidades que fazem parte de sua história pessoal. Pode se dar conta de seu discurso interior e exterior em situações no seu viver. Pode conhecer quais as relações entre eles. Pode se conscientizar de qual o sentido que têm para ele.

Pensamento, linguagem, fala e voz: fios de uma mesma teia, unidos pela palavra, instrumento simbólico poderoso que faz do homem o que ele é — um sujeito falante. Como diz Greimas (1981): “... situado em um lugar em que o ser da linguagem se transforma em um fazer lingüístico.” Ainda segundo o autor: “Todo fazer pressupõe um saber-fazer (ou um não-saber-fazer, o que dá na mesma): ao discurso-manifestação de um fazer corresponde, portanto, o sujeito do discurso dotado da competência discursiva.”

O sistema funcional responsável pela ação de fonar de um indivíduo se realiza mediante as variáveis sociais situacionais de sua vida.

O “saber-fazer” discursivo, a competência do indivíduo para discursar, pressupõe uma “competência” para agir no social. A voz da fala faz parte deste contexto, desta competência (servindo, no entanto, ao desempenho no discursar).

O fonoaudiólogo visando tratar e/ou aperfeiçoar a voz e a fala de um cliente está favorecendo-o no desempenho de seu dizer. Desempenho e competência interagem nas ações de um indivíduo. A atuação no “desempenho” pelo fonoaudiólogo trará ao cliente uma segurança maior ao discursar, além de uma emissão vocal mais saudável e eficiente em sua realidade. No entanto, a “competência” para tal poderá ser atingida mais eficazmente dando-se atenção ao

discurso deste cliente. Ouvindo-o, permite-se que ele se ouça. Fazendo marcações, intervenções, realçando para ele os “prováveis” sentidos contidos em seu dizer, o fonoaudiólogo pode favorecer o indivíduo no conhecimento e na utilização consciente de sua fala interior e exterior.

A voz da fala acontece mediante exigências que dizem respeito às realidades externa e interna vividas pelo indivíduo, que em verdade fundem-se em seu psiquismo — onde tudo toma existência para o homem e onde a palavra é essencial.

Falar sobre as condições discursivas, nas quais sua voz é produzida, permite ao indivíduo dar-se conta de seu “discurso interior” e dos efeitos que este causa em seu corpo, em seu ser, em sua voz, podendo assim também o fazer em situações sociais “ameaçadoras” de sua realidade.

Escutar o cliente é pois de grande valor na clínica fonoaudiológica, que visa à eficácia da produção e utilização da voz no cumprimento de sua função social. Pode favorecer ao indivíduo ocupar o seu “lugar”, agindo com a sua voz e o seu discurso com maior destreza. Pode ser capaz de cuidar de sua emissão vocal, respeitando sua constituição (física e psíquica).

Cabe ao fonoaudiólogo, partindo de uma cuidadosa avaliação, facilitar que o seu cliente torne mais voluntários os processos que participam da voz de sua fala (incluindo os movimentos musculares que fazem parte da “ação de fonar”). Sendo assim, tal profissional procurará orientar e facilitar o indivíduo no que diz respeito à respiração; à articulação; à ressonância; à velocidade e ao ritmo de sua fala segundo as inflexões de seu dizer; à utilização da intensidade e altura de sua voz de acordo com a situação e o ambiente... à sua expressão facial e corporal... e ao que diz respeito ao controle de tais atributos: a audição da “voz da fala” e a propriocepção de órgãos e mecanismos da sua produção.

Ao indivíduo, conhecendo sua voz e aprendendo a lidar com seus atributos, ficará mais fácil “aventurar-se” em sua ação de dizer. Além do que, ouvindo a voz de sua fala e o que sua fala quer dizer, o indivíduo se conhece melhor, podendo ficar mais à vontade em

sua própria história, com o sentido “verdadeiro” de sua competência e seu desempenho.

A competência discursiva (o “saber-fazer” lingüístico) é adquirida e aperfeiçoada com a experiência (assim como o desempenho), principalmente quando o próprio indivíduo que fala fica para si mesmo como centro de atenção, “comunicando consigo próprio” e cuidando de seu dizer.

Greimas (1981) diz que o “sujeito competente do discurso pode também ser considerado como um sujeito em construção permanente”

A atuação clínica do fonoaudiólogo nas dificuldades e no aperfeiçoamento vocal pode ocupar um lugar orientador, facilitador nesta prática discursiva.

Nos últimos anos, alguns autores têm feito colocações importantes sobre a voz no contexto discursivo. Piccolotto (1992) afirma:

“Entendendo a voz como discurso, podemos defini-la como manifestação do próprio processo de comunicação e interação que se efetua no “fazer-se” cotidiano ou inerente à própria biografia dos sujeitos portadores ou não de distúrbios vocais; como tal, ela é ação do sujeito sobre o outro e sobre o mundo”; e ainda, após realçar a importância do fonoaudiólogo em “não desprezar a história do dizer desse paciente”, a mesma autora conclui: “É importante dar oportunidade ao sujeito de produzir e compreender a sua própria história, possibilitar-lhe a interpretação de sua disfonia e de seus conflitos inerentes a ela e ao seu mundo social, a partir de sua própria posição e das posições e dos papéis que desempenha na sociedade.”

A “escuta do dizer” do paciente (e não somente do som de sua voz e de sua fala) na clínica fonoaudiológica vem ganhando espaço. Há nisso um ponto em comum com a psicanálise: o reconhecimento de que o acesso ao psiquismo humano (consciente ou inconsciente) se dá por meio da linguagem. Tratando-se de seres humanos, isso não pode ser desconsiderado. O comportamento do homem e suas transformações se criam por esta via.

O fonoaudiólogo é “o profissional que atua na área da comunicação oral e escrita, voz e audição”. É fundamental escutar tal afirmação de maneira a não fragmentar a atuação clínica.

Os resultados clínicos obtidos numa abordagem vocal no contexto exposto tendem a ser muito mais amplos, além de serem muito mais coerentes com a existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra é um meio pelo qual o homem revela sentimentos e pensamentos aos outros e a si próprio.

A voz é o meio que torna possível a transmissão da palavra falada, coexistindo comumente com a linguagem, a fala, a língua e o pensamento.

O sistema nervoso do homem é comprometido por traços lingüísticos — por significações, palavras...

Através da linguagem o indivíduo pode compreender as situações estressantes na sua história, podendo deixar de ficar à mercê delas e adquirir outra posição diante das mesmas. Poderá realizar movimentos e ações com menor esforço e maior domínio.

O acesso ao psiquismo, por meio da linguagem, pode resultar em mudanças nas atitudes do indivíduo, que são orientadas pelas mudanças em seu “discurso interior”.

A fonação não é prioritária na manutenção da vida biológica do homem, mas o é na manutenção de sua vida social. Usando a voz da fala, o sujeito ocupa seu lugar no mundo humano (social). A voz e o viver interdependem-se.

O medo (o desconforto) em situações discursivas deixa muitas vezes o indivíduo “sem lugar”. As reações de defesa suscitadas pelo psíquico não o ajudam nessas situações. Não se podem negar (fugir) às reações biológicas. Não se pode negar o psíquico. Tentando tais coisas, o indivíduo estaria travando uma luta consigo mesmo. Se em vez de negar, o indivíduo ousar, corajosamente, conhecer-se (por intermédio da palavra) de corpo, alma e voz, estará favorecendo

seu jeito próprio de agir, seu estilo individual. O fonoaudiólogo é um profissional que pode incentivar tal acontecimento, facilitando e participando deste processo em sua clínica.

Tensões musculares são comumente encontradas em pessoas com dificuldades na fonação, não proporcionando satisfatório fluxo aéreo para a produção natural e vibrante da voz. Atentar para a harmonização possível do indivíduo com o seu corpo, seu discurso, seu jeito de ser e de se relacionar com outras pessoas é fundamental para a qualidade da “voz da fala”.

Ouvindo a própria voz enquanto fala (ponto fundamental numa abordagem vocal), o indivíduo se ouve atuando no mundo social. Escutando seu discurso, pode se dar conta da posição que ocupa em sua existência e de como o faz. Pode conhecer da verdade presente em sua realidade psíquica e falar mais à vontade dentro dela. Pode agir melhor com seu discurso, com a sua voz, com a sua ação de fonar em sua vida.

Escutando-se, o indivíduo poderá viver mais à vontade acompanhado pelo seu dizer e sua voz únicos.

APÊNDICE

Freud escreveu em 1900: “Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações” [sistema eferente]. Propõe um aparelho psíquico que recebe as percepções numa extremidade sensorial e outra que abre as “portas” para a atividade motora.

Para abordar a capacidade do psíquico reter os traços das percepções que incidem sobre o aparelho psíquico (traços mnêmicos) e ao mesmo tempo continuar recebendo-os, o “pai da psicanálise” sugere um paralelo com um antigo brinquedo: o Bloco Mágico. É uma prancha de cera ou resina sobre a qual se encontra uma folha transparente. Utilizando um estilete escreve-se sobre ele. Querendo desmanchar o que foi escrito, é só levantar a folha transparente e o campo estará limpo para receber novas notas. No entanto, alguns traços do que foi escrito permanecem sobre a prancha de cera.

Expressa o autor em 1925: “Não penso que seja exagero comparar a cobertura de celulóide e papel encerado [ambos fazem parte da folha transparente] ao sistema Pcpt — Cs [Perceptual — Consciente] (...) e a prancha de cera com o inconsciente (...).”

Há, segundo a psicanálise, não só uma escrita consciente no aparelho psíquico, mas um texto inconsciente. Texto esse que se expressa à sua maneira aparecendo no viver de um sujeito.

Dentro desta visão, existem processos psíquicos conscientes e processos psíquicos inconscientes. Ambos se interagem e permitem que as ações e reações do indivíduo sejam tais quais são.

A expressão humana é um realizar-se anímico — corpóreo. A voz está incluída nesse contexto.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, N.M. *Gramática Metódica da língua Portuguesa*. Ed. Saraiva, 1988.
- BAHKTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Ed. Hucitec, 6ª edição, SP, 1992.
- BEHLAU, M. e RUSSO, I. *Percepção da fala: Análise Acústica do Português Brasileiro*. Ed. Lovise Ltda., SP, 1993.
- BEHLAU, M. e PONTES, P. *Avaliação Global da Voz*. Ed. Paulista Publicações Médicas Ltda., SP, 1990.
- ENCYCLOPEDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL. Organizado e redigido com a colaboração de distintos homens de ciências e de letras. JACKSON, M.W. Editores RJ, SP, PA.
- FERREIRA, A.B.H. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Nova Fronteira, 2ª edição, SP, 1989.
- *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Nova Fronteira, 1ª edição, 15ª impressão.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas*. Imago Editora. 3ª edição, RJ, Volume I, V, VII e XIX. 1990.
- GANONG, F.W. *Fisiologia Médica*. Ed. Atheneu, 3ª edição, SP, 1977.
- GARCIA-ROZA, A.L. *Freud e o inconsciente*. Jorge Zahar Editores, 9ª edição, RJ, 1994.
- GREIMAS, J.A. *Semiótica e Ciências Sociais*. Ed. Cultrix, SP, 1981.
- GUYTON, A.C. *Fisiologia Humana*. Ed. Guanabara Koogan, 6ª edição, 1988.
- JACOB, S.W.; FRANCONI, C.A. e LOSSOW, W. *Anatomia e Fisiologia Humana*. Ed. Interamericana, RJ, 1980.
- JUNQUEIRA, L.C. e CARNEIRO, J. *Histologia Básica*. Ed. Guanabara Koogan, 3ª edição, RJ, 1974.
- LEMAIRE, A. *Jacques Lacan uma Introdução*. Ed. Campus, 4ª edição, 1986.

- LURIA, A.R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Ed. da Universidade de SP Livros Técnicos e Científicos. Ed. SP, 1981.
- MACHADO, A. *Neuroanatomia Funcional*. Livraria Atheneu, 1981.
- MARCONDES, D.S.F. *Filosofia, Linguagem e Comunicação*. Ed. Cortez, SP, 1984.
- MYSAK, E.D. *Patologia dos Sistemas da Fala*. Livraria Atheneu, 2ª edição RJ, SP, 1988.
- OSAKABE, H. *Argumentação e Discurso Político*. Kairós Livraria e Editora Ltda., 1ª edição, SP, 1979.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Companhia Aguilar Editora, RJ, 1965.
- PICCOLOTTO, Leslie F. (org.). *Um pouco de nós sobre voz*. Pró fono Editorial, SP, 1992.
- PIRET, S. e BÉZIERS, M.M. *A coordenação motora*. Summus Editorial Ltda., SP, 1992.
- RODRIGUES, N. *Neurolingüística dos Distúrbios da Fala*. Cortez Editora, SP, 1989.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Editora Cultriz, 17ª edição, 1991.
- SICHER, H. e LLOYDD. *Anatomia Bucal*. Ed. Guanabara Koogan, 6ª edição, 1977.
- SOUCHARD, P.E. *Respiração*. Summus Editorial, SP, 1989.
- SOUCHARD, P.E. *O Diafragma*. Summus Editorial, SP, 1989.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. Ed. Martins Fontes, 2ª edição bras., SP, 1989.
- WELLS, H.G. *História Universal*. Codil, 7ª edição, SP, 1968.

ÍNDICE REMISSIVO

- Articulação(ões)**
dos sons da fala, 45-49
- Audição(ões)**
fala e, 49-51
- Clínica fonoaudiológica(s), 67-72**
considerações sobre a, 67-72
competência discursiva, 69
"escuta do dizer", 71
- Competência(s)**
discursiva, 69
- Córtex**
auditivo, 30
primário, 30
- Descarga(s)**
adrenérgica, 26
- Disfonia(s), 14**
- " Escuta do dizer", 71**
- Esforço(s)**
indivíduo em situação de, 27
- Fala, 41-53**
e pensamento, 42
- internalizada, 43
sons da, 45-49
articulação dos, 45-49
e audição, 49-51
e movimento, 51-53
interior, 52
função planejadora da, 64
- Faringe, 6**
- Fonação, 3-40**
- Formação(ões)**
reticular, 29
de conceitos, 42
- Função(ões)**
planejadora, 64
da fala, 64
- Glote(s), 14**
- Hipotálamo, 28**
- Junção(ões)**
mioneural, 24
- Laringe, 8**
- Língua(s), 41**

- Medo(s)**
 indivíduo que sente, 27
- Movimento(s)**
 fala e, 51-53
- Musculatura(s)**
 respiratória, 15-21
 diafragma, 15
 músculos, 17
 corporal, 30
- Músculo(s), 23**
 inspiratórios, 17
 acessórios, 17
 expiratórios, 17
 acessórios, 17
- Nervo(s)**
 cranianos, 23
 espinhais, 23
 vago, 33
- Neuropsicologia, 44, 61**
- Oratória, 63**
 domínio da, 63
- Osso(s)**
 hióide, 6
- Pensamento(s)**
 fala e, 42
- Plexo(s)**
 viscerais, 26
- Psiquismo(s), 28**
- Respiração(ões), 34-40**
 regulação da, 35
- Signo(s)**
 interior, 43
 exterior, 43
- Sinapse(s), 23**
- Sistema(s)**
 digestivo, 3-7
 elementos do, 3-7
 osso hióide, 6
 faringe, 6
 respiratório, 7-15
 elementos do, 7-15
 laringe, 8
 glote, 14
 nervoso, 21-34
 somático, 22
 visceral, 22
 autônomo, 25-34
 simpático, 26
 parassimpático, 26
 efeitos autonômicos, 28
 funcional, 38
- Som(ns)**
 da fala, 45-49
 articulação dos, 45-49
 consonantais, 46
 vocálicos, 46
- Tensão(ões)**
 musculares, 74
- Tônus**
 cortical, 30-37
 muscular, 37
- Voz(es)**
 controle da, 45

A VOZ DA FALA

Autor: MÔNICA VALLE

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

MÔNICA VALLE

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

Impressão e acabamento
FACE ÚNICA
Rua Filomena Nunes, 395
Olaria - Rio de Janeiro - RJ
Fone: (021)590-1617



Mônica Valle é fonoaudióloga graduada pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR)-RJ- desde 1985. Em 1992, concluiu a Pós-Graduação em Docência Superior, para a qual apresentou a monografia que deu origem a este livro.

É professora de dicção no curso de fonoaudiologia do IBMR desde 1991. Ministra também cursos de extensão na área de voz. Seu interesse pela mesma ocorreu paralelamente ao período em que fazia cursos sobre Neuropsicologia e aulas de Expressão Corporal. Frequenta, desde 1992, a Sociedade Cultural Letra Freudiana, assistindo a seminários e participando de grupos de leitura. Em 1994, iniciou sua especialização (formal) em Voz Falada na Universidade Estácio de Sá (RJ).

É fonoaudióloga da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro desde setembro de 1995.

A Voz da Fala

MÔNICA VALLE

A voz torna comum aos outros os discursos, as falas dos indivíduos. A relação texto-voz neste sentido é clara. Há voz num texto dito. Pergunta-se: haveria um “texto” em uma voz?

Além da integridade dos tecidos (muscular, nervoso...) e das relações entre eles, o que permite ao indivíduo qualificar sua “ação de fonar”? Um comando de uma “fala interior”, como pensa a neuropsicologia a respeito do comportamento humano? Uma interferência de um “dizer” inconsciente, presente no psiquismo, como pensa a psicanálise?

REVINTER